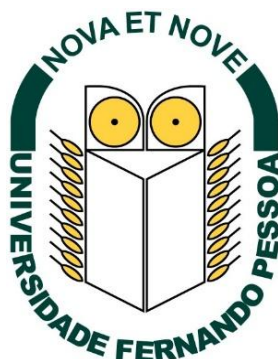


Inês Jesus Branco



***CYBERBULLYING* – OCORRÊNCIA EM MEIO UNIVERSITÁRIO E DIFERENÇAS
DE GÉNERO**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017

Inês Jesus Branco

Assinatura: _____

CYBERBULLYING – OCORRÊNCIA EM MEIO UNIVERSITÁRIO E DIFERENÇAS DE
GÊNERO

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte integrante dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime, sob orientação da Professora Doutora Laura Nunes e da Professora Doutora Cristina Soeiro

Resumo

O *cyberbullying* em estudantes universitários é um problema sério e transversal a muitos países, e com consequências que se manifestam em diferentes domínios da vida do estudante, afetando negativamente o seu bem-estar. Não obstante, o número de estudos desenvolvidos é ainda insuficiente e, na sua maioria, não focam as diferenças de género. Neste sentido, a presente dissertação pretende determinar a prevalência e as diferenças de género no *cyberbullying* em estudantes universitários do país, recorrendo ao Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES). Para isso, recorreu-se a uma amostra de conveniência de 933 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 69 anos ($M=22.80$; $DP=5.54$). De todos os participantes, 6.5% perpetraram comportamentos de *cyberbullying* e 29.7% foram vítimas, sendo ser insultado, ser gozado e ver espalhados rumores sobre a sua vida os comportamentos de vitimação mais referidos. Como consequência da vitimação, os participantes que referiram ter sido vítimas sentiram-se inseguros, preocupados, com raiva e tristes, tendo a maioria delas adotado estratégias *online* para impedir a continuação da situação. É ainda que referir que foram identificadas diferenças de género. Os resultados obtidos contribuem para o reconhecimento da ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários, reforçando a necessidade de continuarem a ser desenvolvidos estudos e programas de prevenção e intervenção, dirigidos a todos os intervenientes no *cyberbullying*.

Palavras-chave: *cyberbullying*, vitimação, diferenças de género, estudantes universitários

Abstract

Cyberbullying in university students it's a serious problem which affects every country, with consequences at every level of a student's life, with a negative impact in his well-being. There are only a few number of studies developed and most of those investigations don't analyze gender differences. This study has the objective to determinate cyberbullying prevalence and gender differences in Portuguese university students, using the Questionnaire on Cyberbullying in Higher Education (QCES). This investigation has a convenience sample of 933 participants, ages from 18 to 69 years old ($M=22.80$; $SD=5.54$). Of all participants, 6.5% practiced cyberbullying behaviors and 29.7% are victims. Being insulted, ashamed and having spread rumors about his life are the victimization behaviors most reported. As a consequence of victimization, victims reported feeling insecure, worried, anger and sad. Most victims resorted to online strategies to stop the perpetration. There are also notable gender differences among cyberbullying victims. These results contribute to the recognition of cyberbullying occurrence on university students and that it is necessary to develop investigations, intervention and prevention programs on all cyberbullying intervenients.

Keywords: cyberbullying, victimization, gender differences, university students

Agradecimentos

Prestes a terminar mais uma etapa do meu percurso académico, com muitos altos e baixos, é o momento de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para alcançar este objetivo.

Às minhas orientadoras, a Professora Doutora Laura Nunes e a Professora Doutora Cristina Soeiro, pela disponibilidade para esclarecerem as dúvidas que foram surgindo e as alterações sugeridas para melhorar o meu trabalho. Não quero deixar de fazer um agradecimento especial à Professora Doutora Cristina Soeiro por ter acreditado sempre nas minhas capacidades quando, em alguns momentos, as coloquei em causa e me fazer ver as coisas de outra perspetiva.

A todos os participantes, por se disponibilizarem a responder e divulgar junto de outros estudantes universitários o questionário, contribuindo para o desenvolvimento do estudo.

À Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Amadora, pela forma como me recebeu e acolheu, pelas constantes aprendizagens, pela amizade. Tenho-vos como exemplo de pessoas e profissionais.

Aos meus pais, por me terem dado a oportunidade de chegar até aqui, por acreditarem nas minhas capacidades, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida mas, especialmente nos momentos menos bons, pelos abraços e palavras de conforto e motivação.

À Susana e ao Tomás, pela compreensão e apoio, por me fazerem companhia enquanto escrevia este trabalho e me obrigarem a fazer pausas quando eu precisava mas não apercebia, pelos lanches e desabafos, por olhar para trás e ver que em todos os momentos importantes da minha vida vocês estiverem sempre lá.

Ao João, pela paciência, pela compreensão e apoio, por me fazer acreditar nas minhas capacidades quando as coloquei em causa, por estar sempre a meu lado.

À Inês e à Joana, por me mostrarem que as amigas podem começar onde menos esperamos, pela compreensão e apoio.

À Ana, à Arcanja, à Isabel, à Inês, à Joana, ao João e à Tânia, pessoas que a faculdade me permitiu conhecer e que eu escolhi que fizessem e façam parte da minha vida, pela amizade e apoio.

A todas as pessoas com quem me cruzei e que contribuíram para a pessoa que me tornei.

Muito obrigada a todos.

Índice

Índice de Tabelas

Índice de Figuras

Introdução Geral.....	1
Artigo 1.....	4
<i>Cyberbullying</i> em Estudantes Universitários: Uma Revisão da Literatura.....	5
Artigo 2.....	30
<i>Cyberbullying</i> e Diferenças de Género em Estudantes Universitários Portugueses.....	31
Conclusão Geral.....	60
Referências.....	62
Anexos.....	64

Índice de Tabelas

Artigo 1

Tabela 1 <i>Síntese dos estudos sobre a ocorrência do cyberbullying em estudantes universitários</i>	13
--	----

Artigo 2

Tabela 1 <i>Caracterização sociodemográfica dos participantes</i>	38
Tabela 2 <i>Comparação, por gênero, da prevalência dos meios utilizados</i>	44
Tabela 3 <i>Prevalência dos comportamentos de vitimação</i>	45
Tabela 4 <i>Comparação, por gênero, da prevalência dos comportamentos de vitimação</i>	46
Tabela 5 <i>Comparação, por gênero, da prevalência das reações à agressão</i>	48
Tabela 6 <i>Prevalência das respostas à vitimação</i>	49
Tabela 7 <i>Comparação, por gênero, da prevalência das respostas à vitimação</i>	50

Índice de Figuras

Artigo 1

Figura 1 *Fluxograma*.....12

Índice de Anexos

Anexo A – Protocolo de Investigação

Anexo B – Autorização para utilização do questionário

Introdução Geral

O *cyberbullying* tem sido foco de atenção social e científica, sendo atualmente considerado um problema global (Aricak, 2009; Chisholm, 2014). Os movimentos de investigação acerca desta problemática iniciaram-se há dez anos (Menesini & Spiel, 2012), primeiramente voltados para as crianças e adolescentes, e mais recentemente, alargaram-se aos estudantes universitários.

Um dos primeiros estudos sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários foi desenvolvido por Finn (2004), no qual verificou que 10-15% dos participantes experienciaram assédio *online*. Neste sentido, Dilmac (2009) constatou que, numa amostra de 666 estudantes universitários, 55.3% dos participantes admitiram ter sido vítima, de pelo menos, um comportamento de *cyberbullying* e 22.5% admitiram ter perpetrado comportamentos de *cyberbullying*, pelo menos uma vez. Deste então tem-se verificado um aumento do número de estudos desenvolvidos, a nível internacional e nacional, sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários. Inicialmente, os estudos focavam a prevalência, procurando gradualmente descrever os comportamentos de vitimação (e.g., Akbulut & Eristi, 2011), os meios utilizados (e.g., Mac Donald & Roberts-Pittman, 2010), o impacto (e.g., Schenk & Fremouw, 2012) e as estratégias utilizadas pelas vítimas para impedir a continuação da situação (e.g., Francisco, Veiga Simão, Ferreira & Martins, 2015).

Ainda que se trate de um fenómeno que ocorre numa realidade virtual, o *cyberbullying* tem consequências negativas na vida real (Aricak, 2007 citado por Aricak, 2009), manifestando-se em diferentes domínios da vida do estudante universitário. De forma mais específica, as investigações têm verificado que o *cyberbullying* está associado a problemas de saúde mental (Schenk & Fremouw, 2012; Tokunaga, 2010), abandono escolar (Smith & Yoon, 2013), dificuldades de concentração (Schenk & Fremouw, 2012), diminuição das

interações sociais (Smith & Yoon, 2013) e comportamentos suicidários (Schenk & Fremouw, 2012). Tendo em consideração as consequências apresentadas, estamos perante um problema de saúde pública e mental (David-Ferdon & Hertz, 2007; Tokunaga, 2010).

A forma como as vítimas lidam com o *cyberbullying* promoveu, como já vimos, o desenvolvimento de estudos, os quais identificaram diversas estratégias que podem ser estratégias *online* (e.g., excluir o agressor da rede social, alterar o perfil de privacidade) ou estratégias *offline* (e.g., confrontar o agressor, procurar a ajuda de alguém) (Francisco et al., 2015; Souza, 2011).

No que concerne às diferenças de género, é possível verificar que existem estudos que não encontram diferenças entre géneros quanto à vitimação e perpetração por *cyberbullying* (e.g., MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker, Sockman & Koehn, 2011) e outros que encontram diferenças só na perpetração (e.g., Aricak, 2009; Akbulut & Eristi, 2011). Perante as inconsistências verificadas na literatura, verifica-se a necessidade de serem desenvolvidos mais estudos sobre as diferenças de género no *cyberbullying*. Neste sentido, a presente dissertação pretende proporcionar uma melhor compreensão sobre o *cyberbullying*, ao determinar a sua prevalência e diferenças de género, procurando preencher algumas das lacunas existentes.

A presente dissertação apresenta uma estrutura diferente do formato tradicional, sendo constituída por uma introdução seguida de dois artigos científicos e uma conclusão geral. O primeiro artigo, uma revisão sistemática da literatura, caracteriza a nível nacional e internacional as investigações já desenvolvidas sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários, em termos de prevalência, meios utilizados, impacto e estratégias utilizadas pelas vítimas, e diferenças de género no *cyberbullying*. O segundo artigo trata-se de um estudo empírico que pretendeu determinar a prevalência nacional e as diferenças de género no *cyberbullying* em estudantes universitários, nomeadamente os comportamentos de

vitimação, meios utilizados, impacto e estratégias utilizadas para impedir a continuação da situação, recorrendo a uma metodologia quantitativa. Por fim, foram referidos os contributos e limitações do estudo, tendo-se procurado deixar diretrizes para futuros estudos bem como para o desenho de programas de prevenção e intervenção mais eficazes.

Artigo 1

Cyberbullying em estudantes universitários: Uma Revisão Sistemática da Literatura

***Cyberbullying* em Estudantes Universitários: Uma Revisão Sistemática da Literatura**

Inês J. Branco, Laura M. Nunes, & Cristina B. Soeiro

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal & Instituto Superior de Ciências da Saúde

Egas Moniz, Almada, Portugal

Resumo

O *cyberbullying* é um fenómeno global sobre o qual têm sido desenvolvidos estudos, na sua maioria com crianças e adolescentes, existindo em menor número investigações com estudantes universitários. O presente trabalho consiste numa revisão sistemática da literatura sistemática sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários. Verificou-se que predominam os estudos quantitativos de natureza retrospectiva e com *design* exploratório, centrados na vítima. Os instrumentos utilizados para avaliar o fenómeno são muito diversificados, tratando-se de inventários de autorrelato construídos tendo em conta os objetivos de cada estudo. A prevalência da vitimação é elevada e pode ser explicada por os estudantes universitários serem a população que mais utiliza as tecnologias de informação e comunicação. Os comportamentos de vitimação e os meios utilizados são diversos, não se verificando um consenso quanto ao sexo da vítima. As reações mais referidas foram a frustração e a raiva, refletindo-se na vida universitária. Quanto às respostas à vitimação, estas são diversas, integrando comportamentos que vão desde o contar a alguém até adotar medidas de proteção *online*. O presente trabalho tem como principais contributos o desenvolvimento de estudos sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários, o estudo da prevalência da vitimação ocorrida durante a frequência na universidade e o desenvolvimento de estudos com foco nos comportamentos de vitimação, meios utilizados, impacto, respostas à vitimação e diferenças de género. As limitações encontradas referem-se ao *design* retrospectivo adotado pela maioria dos estudos e há grande variabilidade de instrumentos utilizados para medir o *cyberbullying*.

Palavras-chave: *cyberbullying*, vitimação, diferenças de género, estudantes universitários

Abstract

Cyberbullying is a global phenomenon with studies developed, mostly on children and adolescents, with an increasing number of investigations on university students. The following article is a systematic literature review about cyberbullying occurrence on university students. It can be verified that most studies are quantitative, with retrospective nature, exploratory design and mainly on victims. There are several instruments used to assess the phenomenon, mostly are self-report questionnaires developed to aim the study objectives. The victimization prevalence is high and can be explained with the fact that university students are the population that more often use the communication technologies. There is a variety of victimization behaviors and contexts but there isn't a consensus on the victim's gender. The most referred emotions are frustration and anger and those emotions have an impact on university life. There are also different answers to cope with the victimization, as talking to someone or adopt online protection measures. This study has as principal contributes the development of studies on the occurrence of cyberbullying in university students, the study of victimization prevalence as a university student and in developing studies on victimization behaviors, contexts, impact, cope to victimization and gender differences. The limitations found are about the retrospective design adopted by most investigations and the variety of instruments used to assess cyberbullying.

Keywords: cyberbullying, victimization, gender differences, university students

A Ocorrência do *Cyberbullying* em Estudantes Universitários

A violência escolar é um tema que tem suscitado o interesse do público e dos profissionais de diferentes áreas nas últimas décadas (Phillips, 2007, citado por Ferguson, Miguel, Kilburn, & Sanchez, 2007), abrangendo a sua definição diversos comportamentos, entre eles o *bullying*. A investigação sobre o *bullying* iniciou-se em 1970, na Suécia (Olweus, 2010), estendendo-se mais tarde a outros países (e.g., Inglaterra, Canadá, Austrália) (Olweus, 1993). Como resultado, diferentes definições de *bullying* foram surgindo, estando os investigadores de acordo em relação a três critérios: a intenção de provocar dano, o desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, e a repetição do comportamento (Smith & Brain, 2000). Desta forma, o *bullying* consiste num comportamento agressivo, repetido e intencional, dirigido a uma pessoa ou um grupo que tem dificuldade em defender-se (Olweus, 1993; Olweus, 2010).

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, o *bullying* deixou o recinto escolar e passou a ocorrer à distância utilizando meios eletrónicos, designando-se por *cyberbullying*. O *cyberbullying* refere-se a um comportamento agressivo, repetido e intencional que envolve a utilização de meios eletrónicos e é dirigido a uma pessoa ou grupo que não consegue facilmente defender-se (Patchin & Hinduja, 2006; Smith et al., 2008; Kowalski & Limber, 2007). Os meios eletrónicos pelos quais o *cyberbullying* pode ocorrer são: *blogs*, telemóvel, *e-mail*, mensagens instantâneas, jogos *online*, redes sociais, mensagens de texto, salas de *chat* e *websites* (Chisholm, 2014).

A investigação desenvolvida tem-se centrado, em grande parte, na ocorrência do *cyberbullying* em crianças e adolescentes (Wozencroft, Campbell, Orel, Kimpton, & Leong, 2015) no entanto, esta problemática está também presente em estudantes universitários (e.g., Francisco, Veiga Simão, Ferreira, & Martins, 2015; Schenk & Fremouw, 2012; Walker, Sockman, & Koehn, 2011), ainda que em número reduzido (Wozencroft et al., 2015).

Akbulut e Eristi (2011), de uma amostra de 254 estudantes universitários, identificaram como comportamentos de vitimação receber *e-mails* ou mensagens instantâneas agressivas (81,1%), receber mensagens de conteúdo político ou religioso (63,9%), ser convidado para aplicações sociais (63,5%), confrontar-se com linguagem inapropriada enquanto utilizam programas de mensagens instantâneas (61,8%), receber *e-mails* obscenos (61,8%), confrontar-se durante a comunicação com endereços que omitem a identidade do utilizador (61,7%) e receber conteúdos não desejados sem o seu consentimento (61,4%). Quatro anos mais tarde, Francisco e colaboradores (2015) desenvolveram um estudo com 519 estudantes universitários encontraram como comportamentos ser insultado (73,3%), ver espalhados rumores sobre a sua vida (59,3%), fazerem troça de si (55,8%) e ser ameaçado (46,9%).

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo identificar os trabalhos desenvolvidos com estudantes universitários que tratem a ocorrência do *cyberbullying* e os principais resultados alcançados. Pretendemos com este trabalho proporcionar uma melhor compreensão sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários e definição das metodologias de investigação que devem vir a ser consideradas nesta área de trabalho, contribuindo também para o desenvolvimento de programas de prevenção e de intervenção dirigidos aos seus intervenientes.

Metodologia

Procedimentos de Pesquisa

A pesquisa foi realizada nas bases de dados eletrónicas *B-on*, *Sage Journals*, *PubMed*, *Web of Science* e *ScienceDirect*, utilizando as palavras-chave: (*cyberbullying AND college students AND gender differences*). A pesquisa decorreu entre janeiro e fevereiro de 2016.

CrITÉrios de Inclusão e de Exclusão

Com o objetivo de selecionar os estudos relevantes, foram definidos critérios de inclusão e critérios de exclusão.

CrITÉRIOS de inclusão: (a) publicações dos últimos oito anos (2008-2016); (b) estudos escritos em Inglês e Português; (c) estudos com estudantes universitários, com idade mínima de 18 anos; (d) estudos com amostras mistas (homens e mulheres); (e) estudos que focavam o *cyberbullying* em estudantes universitários; e (f) estudos quantitativos, estudos qualitativos ou estudos mistos. Foram ainda incluídos trabalhos de revisão de literatura ou de discussão teórica sobre o *cyberbullying* em estudantes universitários por se tratar de um tema com pouca investigao desenvolvida.

CrITÉRIOS de exclusão: (a) publicações com datas anterior a 2008; (b) estudos noutras línguas que não o Inglês e o Português; (c) estudos com crianças e adolescentes, com idade inferior a 18 anos; (d) estudos com amostra exclusiva a mulheres; (e) estudos com amostra exclusiva a homens; (f) estudos que não focavam o *cyberbullying* em estudantes universitários.

Seleção dos Artigos

Na pesquisa obteve-se um total de 183 resultados (126 na *ScienceDirect*, 24 na *Sage*, 17 na *B-on* e 16 no *PubMed*, na *Web of Science* não foram encontrados resultados). A seleção dos artigos decorreu em duas etapas, conforme mostra a Figura 1.

Etapa 1.

Fez-se uma primeira seleção dos 183 resultados, com base na leitura dos títulos e/ou dos resumos, tendo-se excluído 144 resultados. Destes, 22 publicações não estavam disponíveis e seis não constituíam trabalhos empíricos ou teóricos (e.g., revisão de livro, introdução teórica). Uma publicação encontrava-se repetida em duas bases de dados e outra em língua que não a inglesa ou portuguesa. Um número significativo de artigos ($n=72$) utilizava crianças/adolescentes, cinco utilizava professores e um utilizava exclusivamente mulheres.

Foram, ainda, excluídos 36 artigos por não focarem o *cyberbullying* em estudantes universitários (e.g., *bullying*, utilização das tecnologias de informação e comunicação,

comportamento criminal). Desta seleção resultaram 39 artigos para uma análise mais detalhada.

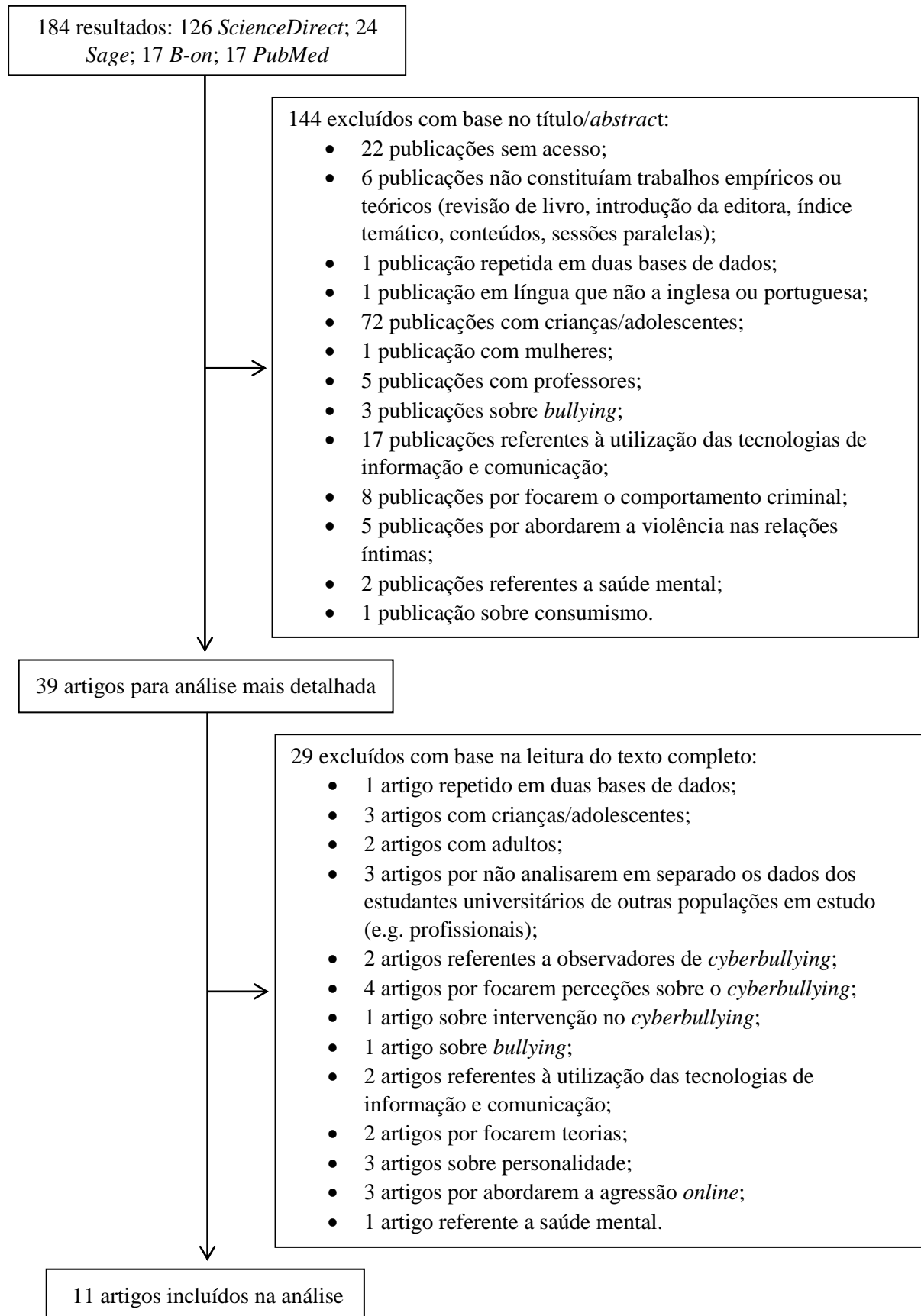
Etapa 2.

Na segunda etapa procedeu-se à leitura e análise detalhada dos 39 artigos que resultaram da etapa anterior. Deste modo, excluiu-se um artigo por se encontrar repetido em duas bases de dados, três artigos utilizavam crianças/adolescentes e dois utilizavam adultos. Embora abordassem o *cyberbullying* em estudantes universitários, três artigos foram excluídos por não analisarem em separado os dados dos estudantes universitários de outras populações em estudo, dois artigos focavam os observadores, quatro artigos analisavam as perceções sobre o *cyberbullying* e um artigo sobre intervenção.

Foram, ainda, excluídos 12 artigos por não focarem o *cyberbullying* em estudantes universitários (e.g., *bullying*, utilização das tecnologias de informação e comunicação, teorias). Desta seleção resultaram 11 artigos para análise no presente trabalho.

Figura 1

Fluxograma



Resultados

Tabela 1

Síntese dos estudos sobre a ocorrência do cyberbullying em estudantes universitários

Autor(es)/ano	País	Tipo de estudo	Método			Resultados
			Objetivo	Amostra	Instrumentos	
Arıcak (2009)	Turquia	Correlacional, transversal	Investigar a relação entre o <i>cyberbullying</i> e sintomas psiquiátricos em estudantes universitários	695 participantes, 247 do sexo masculino e 448 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos	- Desenvolvido pelo autor do estudo - SCL-90-R (Derogatis et al., 1973)	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 54,4% dos participantes relatou ter sido vítima pelo menos uma vez ao longo da vida - 19,7% dos participantes afirmou ter sido agressor pelo menos uma vez ao longo da vida <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não se verificaram diferenças significativas quanto a ser vítima - Sexo masculino tende a ser agressor
MacDonald & Roberts-Pittman (2010)	E.U.A.	Descritivo, retrospectivo	Descrever as experiências de <i>cyberbullying</i> dos estudantes universitários	439 participantes, 312 do sexo feminino (71,9%) e 123 do sexo masculino (28,1%), com idade média de 22,97 anos	Desenvolvido pelos autores do estudo	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 21,9% dos participantes relatou ter sido vítima - 8,6% dos participantes afirmou ter sido agressor <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sexo masculino: 21,9% dos participantes foi vítima e 11,4% agressor - Sexo feminino: 22% dos participantes foi vítima e 7,6% agressor - Não se verificaram diferenças quanto

Akbulut & Eristi (2011)	Turquia	Descritivo, retrospectivo	Avaliar a extensão do <i>cyberbullying</i> e da vitimação em estudantes universitários	254 participantes, 173 do sexo feminino (68,11%), 73 do sexo masculino (28,74%) e 8 (3,15%) não responderam, com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos	Desenvolvido pelos autores do estudo	<p>aos comportamentos de <i>cyberbullying</i></p> <p>Meios utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Redes sociais (25%) - Mensagens de texto (21,2%) - <i>E-mail</i> (16,1%) - Mensagens instantâneas (13,2%) - <i>Chat</i> (9,9%) - <i>Websites</i> (6,8%) <p>Comportamentos de vitimação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Receber e-mails ou mensagens instantâneas agressivas (81,1%) - Receber mensagens de conteúdo político ou religioso (63,9%) - ser convidado para aplicações sociais (63,5%) - Confortar-se com linguagem inapropriada enquanto utilizam programas de mensagens instantâneas (61,8%) - Receber e-mails obscenos (61,8%) - Confrontar-se durante a comunicação com endereços que omitem a identidade do utilizador (61,7%) - Receber conteúdos não desejados sem o seu consentimento (61,4%) <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sexo masculino: 73 participantes foram vítimas e 73 agressores - Sexo feminino: 173 participantes foram vítimas e 170 agressores - Sexo masculino como mais propenso a ser vítima e agressor
-------------------------	---------	---------------------------	--	--	--------------------------------------	--

Walker, Sockman & Koehn (2011)	E.U.A.	Descritivo, transversal	Avaliar a extensão do <i>cyberbullying</i> no campus universitário	120 participantes, 70 do sexo feminino e 50 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos	Desenvolvido pelos autores do estudo	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 11% dos participantes afirmou ter sido vítima <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não se verificaram diferenças significativas <p>Meios utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Facebook (64%) - Telemóvel (45%) - Mensagens instantâneas (43%)
Schenk & Fremouw (2012)	E.U.A.	Descritivo, retrospectivo	Determinar a prevalência do <i>cyberbullying</i> , o impacto psicológico e estratégias de <i>coping</i> utilizadas pelas vítimas	799 participantes, 572 do sexo feminino (71,6%) e 227 do sexo masculino (28,4%), com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Internet Experiences Questionnaire - SCL-90-R (Derogatis, 1994) - SBQ-R (adaptado por Cole, 1988) 	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 69 participantes (8,6%) relataram ter sido vítimas <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sexo masculino: 19 participantes (8,4% da amostra total) foram vítimas - Sexo feminino: 50 participantes (8,7% da amostra total) foram vítimas <p>Impacto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frustração (46,2%) - Stress (40,9%) - Tristeza (37,9%) - Raiva (33,8%) - Dificuldades de concentração (23,4%) <p>Tipos de respostas à vitimação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contar a alguém - Evitar os amigos ou pares - Evitar a internet/telemóvel (exclusivo do sexo feminino)

Chisholm (2014)	E.U.A.	Discussão teórica	Fornecer uma visão geral do estado atual das investigações e perspectivas teóricas sobre o <i>cyberbullying</i>			<ul style="list-style-type: none"> - Vingar-se - Deixar de ir a eventos - Consumir álcool/drogas (exclusivo do sexo masculino) - Novas tecnologias permitem a comunicação e troca de ideias entre pessoas de todo o mundo, tendo aspectos negativos como é exemplo o <i>cyberbullying</i> - <i>Cyberbullying</i> enquanto problema global - Definição de <i>cyberbullying</i> segunda duas perspectivas: como comportamento de <i>bullying</i> e como comportamento distinto do <i>bullying</i> pelos processos que envolve - Necessidade de continuarem a ser desenvolvidas investigações que estudem as semelhanças e diferenças entre estudantes universitários e estudantes do ensino secundário, tipos e formas, características de <i>cyberbullying</i> (vítimas, agressores e observadores)
Paullet & Pinchot (2014)	E.U.A.	Descritivo, transversal	Avaliar a percepção e experiências dos estudantes universitários com o <i>cyberbullying</i>	168 participantes, 62% do sexo masculino e 38% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos	Desenvolvido pelos autores do estudo	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 3% dos participantes afirmou ter sido vítima no ensino superior <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sexo masculino: 43% dos participantes foi vítima - Sexo feminino: 57% dos participantes foi vítima - Sexo feminino mais propenso a ser vítima

Zalaquett & Chatters (2014)	E.U.A.	Descritivo, transversal	Determinar a prevalência do <i>cyberbullying</i> em estudantes universitários e investigar a relação entre o <i>cyberbullying</i> no ensino secundário e no ensino superior	604 participantes, 459 do sexo feminino, 149 do sexo masculino e 5 não responderam, com idades compreendidas entre os 21 e os 59 anos	The College Cyberbullying Survey	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 19% dos participantes relatou ter sido vítima <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sexo masculino: 3,6% dos participantes foi vítima - Sexo feminino: 15,5% dos participantes foi vítima <p>Meios utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mensagens de texto (46,1%) - <i>E-mail</i> (43,5%) - <i>Websites</i> (36,2%) <p>Impacto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Raiva (45%) - Tristeza (41%) - Stress (32%) - Perda de produtividade (9%) - Sem impacto (6%)
Francisco, Veiga Simão, Ferreira & Martins (2015)	Portugal	Descritivo, transversal	Desenvolver uma nova medida e compreender como é que os estudantes universitários se veem nas situações de <i>cyberbullying</i>	519 participantes, 402 do sexo feminino (77,6%) e 116 do sexo masculino (22,4%), com idade mínima de 18 anos	The Cyberbullying Inventory for College Students	<p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 145 participantes (27,94%) afirmaram ter sido vítimas - 42 participantes (8%) afirmaram ter sido agressores <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sexo masculino tende a ser vítima e agressor <p>Comportamentos de vitimação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ser insultado (73,3%) - Ver espalhados rumores sobre a sua vida (59,3%)

						<ul style="list-style-type: none"> - Fazerem troça de si (55,8%) - Ser ameaçado (46,9%) <p>Meios utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador - Telemóvel <p>Impacto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Insegurança - Raiva - Preocupação - Tristeza - Embaraço - Orgulho <p>Tipos de respostas à vitimação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confrontar o agressor - Evitar o contacto com o agressor - Excluir o agressor da rede social - Deixar de atender chamadas anónimas <p>Prevalência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 41 participantes (14,5%) afirmaram ter sido vítimas - 22 dos participantes (7,9%) relataram ter sido agressores <p>Diferenças de género:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não se verificaram diferenças significativas
Wozencroft, Campbell, Orel, Kimpton & Leong (2015)	Austrália	Exploratório, retrospectivo	Determinar a prevalência do <i>cyberbullying</i> entre estudantes universitários e as suas perceções quanto às barreiras para relatar comportamentos de <i>cyberbullying</i> aos profissionais	282 participantes, 204 do sexo feminino (72,3%) e 78 do sexo masculino (27,7%), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos	Desenvolvido pelos autores do estudo	
Lund & Ross (2016)	E.U.A.	Revisão sistemática da literatura	Analisar a literatura existente sobre a perpretação e	14 estudos	Bases de dados eletrónicas	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Cyberbullying</i> como um problema sério e prevalente no ensino secundário - Pouca investigação desenvolvida até

vitimação por
bullying em
estudantes
universitários

ao presente sobre a prevalência do
bullying em estudantes universitários
- Número de vítimas de *bullying* (20-
25%) superior ao de vítimas de
cyberbullying (10-15%)
- Necessidade de serem desenvolvidas
investigações considerando o *bullying*
como um todo e não focado no
cyberbullying

Apresentamos os resultados da análise descritiva dos 11 trabalhos selecionados, para a qual foram retirados os dados mais relevantes, considerando o tipo de publicação: estudo empírico ($n=9$) ou revisão de literatura/discussão teórica sobre o tema ($n=2$).

No que se refere aos estudos empíricos, foram selecionados dados relativos ao(s) autor(e)s; ano de publicação; país onde o estudo foi realizado; *design* do estudo; características da amostra; instrumentos de avaliação; dados de prevalência; comportamentos de vitimação; meios utilizados; impacto na vítima; tipos de resposta à vitimação e principais resultados/conclusões. Relativamente às duas revisões teóricas (Chisholm, 2014; Lund & Ross, 2016), foram retirados dados sobre o(s) autor(es), ano de publicação e principais conclusões.

Estudos Empíricos

Dos nove artigos de investigação empírica selecionados sobre a ocorrência do *cyberbullying* em meio universitário, cinco estudos foram desenvolvidos nos Estados Unidos da América (MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker et al., 2011; Schenk & Fremouw, 2012; Paullet & Pinchot, 2014; Zalaquett & Chatters, 2014), dois na Turquia (Aricak, 2009; Akbulut & Eristi, 2011), um na Austrália (Wozencroft et al., 2015) e um em Portugal (Francisco et al., 2015). Tratava-se de estudos de natureza quantitativa que pretendem sobretudo averiguar a prevalência desta problemática.

Design.

Dos nove estudos, seis eram do tipo descritivo (MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Akbulut & Eristi, 2011; Schenk & Fremouw, 2012; Paullet & Pinchot, 2014; Zalaquett & Chatters, 2014; Francisco et al., 2015), dois do tipo exploratório (Walker et al., 2011; Wozencroft et al., 2015) e um do tipo correlacional (Aricak, 2009). Destes, cinco estudos procuraram analisar a problemática utilizando como período de referência a entrada na universidade ou o último ano letivo (e.g., Schenk & Fremouw, 2012; Wozencroft et al., 2015)

e quatro analisaram o fenómeno numa perspetiva ao longo da vida (e.g., Aricak, 2009; Poullet & Pinchot, 2014).

Características das amostras.

No que concerne à constituição das amostras dos estudos, relativamente ao sexo, os nove artigos utilizaram amostras mistas (e.g., MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Schenk & Fremouw, 2012; Francisco et al., 2015).

Em termos de dimensão das amostras, conforme mostra a Tabela 1., os estudos variaram entre 120 (Walker et al., 2011) e 799 participantes (Schenk & Fremouw, 2012).

Considerando o sexo dos participantes, os estudos variaram entre 70 (Walker et al., 2011) e 572 participantes do sexo feminino (Schenk & Fremouw, 2012), e entre 50 (Walker et al., 2011) e 247 participantes do sexo masculino (Aricak, 2009). No que se refere às faixas etárias abrangidas, havia estudos que incluíam, por exemplo, participantes entre os 18-24 anos (e.g., Schenk & Fremouw, 2012) e outros que abrangiam um intervalo de idades maior (Poullet & Pinchot, 2014; Zalaquett & Chatters, 2014; Francisco et al., 2015).

Quanto ao processo de amostragem, os nove estudos utilizaram amostras de conveniência (população universitária).

Instrumentos utilizados.

Todos os estudos recorreram a medidas de autorrelato, quer para averiguar a ocorrência quer a sintomatologia. No entanto, verificou-se grande variabilidade nos instrumentos utilizados destacando-se no âmbito da ocorrência: *Internet Experiences Questionnaire* utilizado num estudo (Schenk & Fremouw, 2012); *The College Cyberbullying Survey* presente num estudo (Zalaquett & Chatters, 2014); *The Cyberbullying Inventory for College Students* utilizado num estudo (Francisco et al., 2015); e os instrumentos construídos tendo em conta os objetivos de cada estudo, presentes em seis estudos (e.g., Aricak, 2009, Poullet & Pinchot, 2014).

No que concerne à sintomatologia associada ao *cyberbullying*, os instrumentos utilizados pretendiam avaliar a presença de sintomatologia psicopatológica, ideação e comportamentos suicidas (*Symptom Checklist 90 – Revised; The Suicidal Behaviors Questionnaire-Revised*).

Indicadores de prevalência do *cyberbullying*.

A determinação das taxas de prevalência do *cyberbullying* constituiu-se um objetivo comum aos nove estudos, conforme mostra a Tabela 1. Destes, dois estudos procuraram também descrever os comportamentos de *cyberbullying* (Akbulut & Eristi, 2011; Francisco et al., 2015) e quatro os meios utilizados para perpetrar esses comportamentos (Francisco et al., 2015; MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker et al., 2011; Zalaquett & Chatters, 2014).

Os dados de prevalência da vitimação por *cyberbullying* recolhidos variam entre os 8,6% (Schenk & Fremouw, 2012) e os 54,4% (Arıcak, 2009) enquanto os dados da agressão situam-se entre os 7,9% (Wozencroft et al., 2015) e os 19,7% (Arıcak, 2009).

No que refere às diferenças de género, não se verifica um consenso entre os estudos. Dos nove artigos, quatro não encontraram diferenças entre géneros quanto à vitimação e agressão por *cyberbullying* (MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker et al., 2011; Schenk & Fremouw, 2012; Wozencroft et al., 2015) e um estudo não identificou diferenças na vitimação mas sim na perpetração do *cyberbullying* (Arıcak, 2009). Há estudos que identificaram o sexo masculino como mais propenso a ser vítima (Akbulut & Eristi, 2011; Francisco et al., 2015) e agressor (Arıcak, 2009; Akbulut & Eristi, 2011; Francisco et al., 2015). No entanto, dois estudos indicaram que as vítimas são predominantemente do sexo feminino (Pullet & Pinchot, 2014; Zalaquett & Chatters, 2014).

Comportamentos de vitimação.

Dois dos nove estudos procuraram descrever os comportamentos de vitimação. Conforme mostra a Tabela 1., os comportamentos de vitimação mais identificados por Akbulut e Eristi

(2011) foram receber *e-mails* ou mensagens instantâneas agressivas (81,1%), receber mensagens de conteúdo político ou religioso (63,9%) e ser convidado para aplicações sociais (63,5%). Por outro lado, Francisco e colaboradores (2015) encontraram comportamentos mais frequentes como ser insultado (73,3%), ver espalhados rumores sobre a sua vida (59,3%) e fazerem troça de si (55,8%).

Meios utilizados.

No que se refere aos meios utilizados no cyberbullying, três dos nove estudos debruçam-se sobre esta questão sendo o meio utilizado comum a esses estudos as mensagens de texto. seguem-se as redes sociais (MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker et al., 2011), o *e-mail* (MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Zalaquett & Chatters, 2014) e as mensagens instantâneas (MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker et al., 2011).

Impacto na vítima.

No que concerne ao impacto na vítima, e conforme mostra a Tabela 1., as reações mais identificadas no estudo de Schenk e Fremouw (2012) foram frustração (46.2%), stress (40.9%) e tristeza (37.9%). Por outro lado, Zalaquett e Chatters (2014) mencionaram raiva (45.0%), tristeza (41.0%) e stress (32.0%). Como nos estudos anteriores, Francisco e colaboradores (2015) identificaram raiva e tristeza no entanto reações como insegurança, preocupação, embaraço e orgulho estavam também presentes.

Tipos de resposta à vitimação.

Dois dos nove artigos procuraram descrever os tipos de resposta adotados pelas vítimas. Conforme mostra a Tabela 1., os tipos de resposta são diversificados, tendo Schenk e Fremouw (2012) identificado respostas que vão desde o contar a alguém a vingar-se. É ainda importante mencionar que foram identificadas diferenças de género: o sexo feminino tende a evitar a internet/telemóvel enquanto o sexo masculino tende a consumir álcool/drogas. Por

outro lado, Francisco e colaboradores (2015) encontraram respostas como confrontar o agressor e excluí-lo da rede social.

Trabalhos de Revisão/Discussão Teórica

Relativamente aos trabalhos teóricos, encontramos uma de discussão teórica (Chisholm, 2014) e uma de revisão sistemática da literatura (Lund & Ross, 2016). O trabalho de discussão teórica aborda o fenómeno do *cyberbullying* em diferentes populações (crianças, adolescentes e estudantes universitários). O trabalho de revisão sistemática da literatura precede uma revisão do fenómeno.

Na discussão teórica, Chisholm (2014) começa por salientar o papel das novas tecnologias na comunicação entre pessoas de todo o mundo, não esquecendo os aspetos negativos das mesmas como é exemplo o *cyberbullying*. O conceito de *cyberbullying* é apresentado de duas perspetivas e revela o reduzido consenso que existe em volta do mesmo: como comportamento de *bullying* e como comportamento distinto de *bullying* pelos processos que envolve. Conclui que há necessidade de se continuar a desenvolver investigações que se foquem nas semelhanças e diferenças entre estudantes universitários e estudantes do ensino secundário, tipos e formas, características de *cyberbullying* (vítimas, agressores, observadores).

Na revisão sistemática da literatura, Lund e Ross (2016) começam por referir o *cyberbullying* como um problema sério e prevalente no ensino secundário, apresentando as suas formas. Faz referência há pouca investigação desenvolvida até ao presente sobre a prevalência do *bullying* em estudantes universitários, sendo o número de vítimas de *bullying* superior ao de vítimas de *cyberbullying*, 20-25% e 10-15%, respetivamente. Conclui mencionando a necessidade de serem desenvolvidas investigações considerando o *bullying* como um todo e não focado no *cyberbullying*.

Discussão

Contrariamente ao que acontece com as crianças e adolescentes, a investigação sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários começou a desenvolver-se recentemente (o estudo mais antigo é de 2009), o que se reflete no número reduzido de estudos presentes neste trabalho. No entanto, estes estudos foram desenvolvidos em diferentes países o que demonstra que o *cyberbullying* se está a tornar um fenómeno global.

A análise realizada permite-nos conhecer como se vai desenvolvendo a investigação por todo o mundo e as características que têm sido abordadas. Os estudos focam-se na prevalência da vitimação tendo como período de referência a entrada na faculdade ou o último ano letivo (e.g., Schenk & Fremouw, 2012; Wozencroft et al., 2015) e nos meios utilizados. As taxas de prevalência encontradas variam entre os 8,6% (Schenk & Fremouw, 2012) e os 54,4% (Arıcak, 2009), números que devem merecer a nossa atenção e que podem ser explicados pelo facto dos estudantes universitários serem a população que mais utiliza as tecnologias de informação e comunicação (Schenk & Fremouw, 2012). No que se refere ao sexo da vítima, há estudos que consideram o sexo masculino como mais propenso a ser vítima (Akbulut & Eristi, 2011; Francisco et al., 2015) enquanto outros mencionam que é o sexo feminino (Paullet & Pinchot, 2014; Zalaquett & Chatters, 2014).

Os comportamentos de vitimação mais frequentemente mencionados foram receber *e-mails* ou mensagens instantâneas agressivas (Akbulut & Eristi, 2011) e ser insultado (Francisco et al., 2015), sendo o meio mais utilizado para praticar esses comportamentos as mensagens de texto (Walker et al., 2011).

No que se refere ao impacto, as reações mais mencionados foram a frustração (Schenk & Fremouw, 2012) e a raiva (Zalaquett & Chatters, 2014), verificando-se efeitos diretos na vida universitária, nomeadamente dificuldades de concentração (Schenk & Fremouw, 2012) e perda de produtividade (Zalaquett & Chatters, 2014).

Por último, e no que concerne aos tipos de resposta à vitimação, as vítimas podem recorrer a diversas respostas que podem passar por contar a alguém (Schenk & Fremouw, 2012) ou adotar medidas que a protejam enquanto está *online*, como evitar o agressor ou excluí-lo de uma rede social (Francisco et al., 2015).

Desta revisão sistemática da literatura há contributos que devem ser destacados. O primeiro contributo refere-se ao desenvolvimento, ainda que recente, de estudos sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários, o que vem demonstrar que não é uma problemática presente só em crianças e adolescentes. Destaca-se também que embora os estudos se centrem na sua maioria nos Estados Unidos da América, encontrámos um estudo desenvolvido em Portugal (Francisco et al., 2015). O segundo contributo prende-se com o facto da prevalência da vitimação ser estudada tendo como período de referência a entrada na universidade ou o último ano letivo, o que revela o interesse em estudar esta problemática durante os anos que os participantes frequentam a universidade e não durante frequência de outros ciclos de ensino. Por último, e ainda que os estudos se centrem na prevalência, começam a ser desenvolvidos estudos sobre os comportamentos de vitimação (e.g., Akbulut & Eristi, 2011), os meios utilizados (e.g., MacDonald & Roberts-Pittman, 2010), o impacto na vítima (e.g., Schenk & Fremouw, 2012) e os tipos de resposta à vitimação (e.g., Francisco et al., 2015), bem como as diferenças de género (e.g., Pullet & Pinchot, 2014; Schenk & Fremouw, 2012).

Apesar dos contributos, estão também presentes limitações. A primeira limitação refere-se ao *design* retrospectivo adotado pela maioria dos estudos, não se encontrando qualquer estudo de *design* longitudinal que permitiria recolher dados em mais do que um momento, contribuindo para uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento do *cyberbullying* bem como do impacto que tem na vítima. A segunda limitação prende-se com a grande variabilidade de instrumentos utilizados para medir o *cyberbullying*. Na maioria dos estudos,

os instrumentos são construídos de acordo com os seus objetivos, não se encontrando disponível para consulta. O desenvolvimento de diferentes instrumentos para medir o mesmo fenómeno dificulta a padronização de medidas no entanto, quem responde aos instrumentos pode responder conforme o que é esperado socialmente e não conforme a sua forma de ser e estar por se tratar de instrumentos de autorrelato.

Considerações Finais

De acordo com os contributos e limitações mencionados, existem questões que requerem estudo para que as lacunas existentes sejam preenchidas em novas investigações. Os estudos disponíveis sobre o *cyberbullying* em estudantes universitários centram-se na prevalência, focando também os comportamentos de vitimação, os meios utilizados, o impacto na vítima e os tipos de resposta à vitimação, abordando raramente as diferenças de género. No entanto, o número de estudos é ainda reduzido.

Desta forma, destacamos a necessidade de continuarem a ser desenvolvidos estudos que determinem a prevalência do *cyberbullying* e as diferenças de género nos comportamentos de vitimação/agressão, principalmente em contexto nacional por constar neste trabalho somente um estudo desenvolvido em Portugal. Verifica-se também a necessidade de serem desenvolvidos estudos de *design* longitudinal que permitam determinar as características das vítimas e a possibilidade de continuarem a ser vítimas. Por último, torna-se importante delinear estratégias de prevenção direcionadas para a população em geral, profissionais e estudantes universitários (e.g., utilização segura das novas tecnologias) e de estratégias de intervenção dirigidas aos diferentes intervenientes no *cyberbullying* (vítimas, agressores e observadores).

Referências

- Aricak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, 34, 167-184.
- Akbulut, Y., & Eristi, B. (2011). Cyberbullying and victimization among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, 27(7), 1155-1170. doi: 10.14742/ajet.910.
- Chisholm, J. F. (2014). Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention. *Journal of Information Systems Education*, 25(3), 77-87.
- Ferguson, C. J., Miguel, C. S., Kilburn, J. C., & Sanchez, P. (2007). The effectiveness of school-based anti-bullying programs: A meta-analytic review. *Criminal Justice Review*, 32(4), 401-414. doi: 10.1177/0734016807311712.
- Francisco, S. M., Veiga Simão, A. M., Ferreira, P. C., & Martins, M. J. D. (2015). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in Human Behavior*, 43, 167-182. doi: 10.1016/j.chb.2014.10.045.
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41, S22-S30. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.017.
- Lund, E. M., & Ross, S. W. (2016). Bullying perpetration, victimization, and demographic differences in college students: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1-13. doi: 10.1177/1524838015620818.
- MacDonald, C. D., & Roberts-Pittman, B. (2010). Cyberbullying among college students: prevalence and demographic differences. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 9, 2003-2009. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.12.436.
- Olweus, D. (1993). *Bullying in school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.

- Olweus, D. (2010). Understanding and researching bullying: Some critical issues. In S. R. Jimerson, S. M. Swearer, & D. L. Espelage (Eds), *Handbook of bullying in schools: An international perspective* (pp. 9-33). New York: Routledge.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148-169. doi: 10.1177/1541204006286288.
- Paullet, K., & Pinchot, J. (2014). Behind the screen where today's bully plays: Perceptions of college students on cyberbullying. *Journal of Information Systems Education*, 25(1), 63-69.
- Schenk, A. M., & Fremouw, W. J. (2012). Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbullying victims among college students. *Journal of School Violence*, 11, 21-37. doi: 10.1080/15388220.2011.630310.
- Smith, P. K., & Brain, P. (2000). Bullying in schools: Lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior*, 26(1), 1-9. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337(2000)26:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-7.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x.
- Walker, C. M., Sockman, B. R., & Koehn, S. (2011). An exploratory study of cyberbullying with undergraduate university students. *TechTrends*, 55(2), 31-38.
- Wozencroft, K., Campbell, M., Orel, A., Kimpton, M., & Leong, E. (2015). University students' intentions to report cyberbullying. *Australian Journal of Educational & Development Psychology*, 15, 1-12.
- Zalaquett, C. P., & Chatters, S. J. (2014). Cyberbullying in college: Frequency, characteristics, and practical implications. *Sage Open*, 1-8. doi: 10.1177/2158244014526721.

Artigo 2

Cyberbullying e Diferenças de Género em Estudantes Universitários Portugueses

***Cyberbullying* e Diferenças de Género em Estudantes Universitários Portugueses**

Inês J. Branco, Laura M. Nunes, & Cristina B. Soeiro

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal & Instituto Superior de Ciências da Saúde

Egas Moniz, Almada, Portugal

Resumo

O presente estudo teve como objetivo determinar a prevalência do *cyberbullying* e as diferenças de género em estudantes universitários, focando-se nas vítimas, com recurso ao Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES). A amostra final era constituída por 933 participantes, sendo 73.6% mulheres e 26.4% homens, com idades compreendidas entre os 18 e os 69 anos ($M=22.80$; $DP=5.54$). Os resultados revelam que 6.5% perpetraram comportamentos de *cyberbullying* e 29.7% foram vítimas, verificando-se que os comportamentos mais referidos por estas foram ser insultado, ser gozado e ver espalhados rumores sobre a sua vida. Constatou-se ainda que os homens tendem a ser vítimas de ameaças e as mulheres de assédio com conteúdos de carácter sexual. No que concerne às consequências, as vítimas relataram ter-se sentido inseguras, preocupadas, com raiva e tristes. Verificando-se também que os homens tendem sentir indiferença e superioridade enquanto as mulheres tendem a sentir insegurança, raiva e tristeza. De forma a impedir a continuação da situação, as vítimas recorreram maioritariamente a estratégias de proteção *online* (e.g., excluir o agressor da rede social, alterar o perfil de privacidade). Procurou-se com este estudo contribuir para uma melhor compreensão do *cyberbullying* em estudantes universitários e o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção mais eficazes. As limitações encontradas referem-se ao desequilíbrio da amostra em termos de género e ao recurso a instrumento de autorrelato.

Palavras-chave: *cyberbullying*, vitimação, diferenças de género, estudantes universitários

Abstract

The following study has the objective of determine the cyberbullying prevalence and gender differences in university students, in special in victims, using the Questionnaire on Cyberbullying in Higher Education (QCES). The final sample was constituted by 933 participants, 73.6% women and 26.4% men, with ages from 18 to 69 years old ($M=22.80$; $SD=5.54$). The results reveal that 6.5% practiced cyberbullying behaviors and 29.7% were victims, being insulted, mocked up and to have rumours spread about his life were the most frequent behaviors. Men are more often victims of threats and women of harassment with sexual content. The victims self-report as the main consequences feeling insecure, worried, anger and sad. Men mostly feel indifference and superiority and women feel unsafe, anger and sad more often. As a form to stop the situation, victims mostly report on online protection strategies (e.g., excluding the aggressor from social networks, changing profile privacy details). This investigation is a contribute to a better comprehension of cyberbullying in university students and the development of effective prevention and intervention programs. The limitations we had in this research were the gender imbalance of the sample and the use of a self-report questionnaire.

Keywords: cyberbullying, victimization, gender differences, university students

A Ocorrência do *Cyberbullying* e as Diferenças de Gênero em Estudantes Universitários

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação veio facilitar a comunicação entre pessoas distantes geograficamente, tornando-a mais simples e rápida. No entanto, permitiu também o desenvolvimento de uma nova forma de *bullying*, o *cyberbullying*. O *cyberbullying* consiste num comportamento agressivo e repetido que pretende provocar dano a uma pessoa ou grupo, recorrendo a meios eletrónicos (Patchin & Hinduja, 2006; Smith et al., 2008; Kowalski & Limber, 2007). Os meios eletrónicos são diversos, abrangendo os *blogs*, telemóvel, *e-mail*, mensagens instantâneas, jogos *online*, redes sociais, mensagens de texto, *chat* e *websites* (Chisholm, 2014).

Contrariamente ao que ocorre no *bullying*, no *cyberbullying* a vítima está em desvantagem não por ser fisicamente mais fraca mas por o agressor conhecer e estar mais à vontade com os meios eletrónicos, conseguindo salvaguardar a sua identidade. A repetição do comportamento é facilmente identificada no *bullying* comparativamente ao *cyberbullying*, no qual o agressor pratica um comportamento que pode ser visto ou partilhado por outros, experienciando a vítima mais que uma vez a situação. Comum ao *bullying* e *cyberbullying* está a intenção de magoar o outro no entanto, o *bullying* ocorre na escola ou no transporte para casa enquanto o *cyberbullying* ocorre também no espaço privado da vítima, a sua casa (Paulet & Pinchot, 2014; Smith, del Barrio & Tokunaga, 2013).

Pelas consequências que tem nas vítimas, o *cyberbullying* é considerado um problema de saúde pública e mental (David-Ferdon & Hertz, 2007; Tokunaga, 2010). É também de referir que embora o *cyberbullying* ocorra numa realidade virtual, as consequências manifestam-se na vida real (Arıcak, 2007 citado por Arıcak, 2009). A título ilustrativo, Schenk e Fremouw (2012) desenvolveram um estudo com 977 estudantes universitários tendo verificado que 46.2% dos participantes sentiu frustração, 46.2% *stress*, 37.9% tristeza, 33.8% agressividade e 23.4% dificuldades de concentração. Um ano mais tarde, Smith e Yoon (2013)

desenvolveram um estudo com 276 estudantes universitários e no qual verificaram que 21.0% dos participantes sentiu baixa autoestima, 18.5% impacto negativo no rendimento acadêmico, 16.5% diminuição das interações sociais e 13.2% depressão.

Tradicionalmente, a investigação nesta área utilizava amostras de crianças e adolescentes, focando-se nos adolescentes e na utilização das novas tecnologias, reações e extensão da experiência do *cyberbullying* (Walker, Sockman & Koehn, 2011). No entanto, têm sido desenvolvidos estudos com estudantes universitários verificando-se taxas de prevalência que merecem atenção (e.g., Aricak, 2009; MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Francisco, Veiga Simão, Ferreira & Martins, 2015).

O primeiro estudo publicado sobre a ocorrência do *cyberbullying* em contexto universitário foi desenvolvido por Finn (2004) nos E.U.A., tinha como objetivo determinar a frequência do assédio *online* e revelou que 10-15% dos estudantes universitários experienciaram assédio *online*. Anos mais tarde, Dilmac (2009) desenvolveu um estudo na Turquia com 666 estudantes universitários e no qual verificou que 55.3% já tinha sido vítima de pelo menos um comportamento enquanto 22.5% já tinha perpetrado comportamentos de *cyberbullying* pelo menos uma vez. Ainda na Turquia, foi desenvolvido um estudo por Aricak (2009) com 695 estudantes universitários tendo verificado que 54.4% dos participantes tinha sido vítima e 19.7% tinha perpetrado comportamentos de *cyberbullying* pelo menos uma vez ao longo da vida.

Desde o ano 2010 verifica-se um aumento do número de estudos desenvolvidos sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários, procurando determinar não só a sua prevalência mas também os meios utilizados. MacDonald e Roberts-Pittman (2010) desenvolveram um estudo nos E.U.A. com uma amostra de 439 estudantes universitários tendo verificado que 21.9% dos participantes tinha sido vítima enquanto 8.6% tinha perpetrado comportamentos de *cyberbullying*. No que se refere aos meios utilizados, os mais

referidos pelos participantes foram as redes sociais (25.0%), mensagens de texto (21.2%), *e-mail* (16.1%), mensagens instantâneas (13.2%), *chat* (9.9%) e *websites* (6.8%). No seguimento deste estudo, é possível verificar-se um estudo realizado, no mesmo país, com 120 estudantes universitários, no qual foi encontrada uma prevalência de vitimação por *cyberbullying* de 11%, tendo sido utilizados como meios o Facebook (64.0%), telemóvel (43.0%) e mensagens instantâneas (43.0%) (Walker et al., 2011).

Num estudo desenvolvido em Bucareste por Tomsa, Jenaro, Campbell e Neacsu (2013), com 92 estudantes universitários, foi possível verificar que 8.7% dos participantes tinha sido vítima e 2.2% tinha perpetrado comportamentos de *cyberbullying*. Wozencroft, Campbell, Orel, Kimpton e Leong (2015), realizaram um estudo na Austrália com 282 estudantes universitários, tendo encontrado uma prevalência de vitimação de 14.5% e uma prevalência de perpretação de 7.9%.

Em Portugal, como noutros países, a investigação sobre este tema é escassa. No entanto, foi possível encontrar alguns estudos desenvolvidos com o objetivo de determinar a prevalência do *cyberbullying*, os comportamentos e os meios utilizados. No estudo desenvolvido por Souza (2011) com 118 estudantes universitários, foi possível verificar que 59.3% dos participantes tinha sido vítima e 18.6% observador, destes 61.4% foram observadores de vítimas e 10.0% observadores de agressores. Os meios utilizados mais referidos foram o Messenger (39.2%), Hi5 (28.5%), Facebook (12.2%) e *e-mail* (17.8%). Uns anos mais tarde, Martins, Veiga Simão e Azevedo (2014) realizaram um estudo com 170 estudantes universitários de um politécnico tendo verificado que 30.6% dos participantes tinha sido vítima, 8.2% tinha sido agressor, 45.3% observador de vítimas e 25.3% observadores de agressores. Os comportamentos de vitimação, ocorridos algumas vezes e muitas vezes, mais referidos foram ser gozado (13.5% vs 2.9%), ser insultado (16.3% vs 2.4%) e ver espalhados rumores sobre a sua vida (9.4% vs 2.4%). Francisco e colaboradores

(2015) desenvolveram um estudo com 519 estudantes universitários e no qual verificaram que 27.4% dos participantes tinha sido vítima e 8.0% tinha perpetrado comportamentos de *cyberbullying*. Ser insultado foi o comportamento de vitimação mais referido em 73.7% dos casos, seguindo-se ver espalhados rumores sobre a sua vida com 59.3% e fazerem troça de si com 55.8%.

No que se refere às diferenças de género no *cyberbullying* não se verifica um consenso entre os resultados encontrados. Existem estudos que não encontram diferenças (e.g., MacDonald & Roberts-Pittman, 2010; Walker et al., 2011; Schenk & Fremouw, 2012) e estudos em que é possível identificar diferenças no que se refere a ser vítima, sendo esta predominantemente do género feminino (e.g., Paullet & Pinchot, 2014; Zalaquett & Chatters, 2014). Não obstante, alguns estudos demonstram que as vítimas são do género masculino (e.g., Akbulut & Eristi, 2011; Francisco et al., 2015). Paullet e Pinchot (2014) referem que as vítimas são maioritariamente do género feminino, 57.0% comparativamente a 43% para o género masculino. No seguimento deste estudo, Zalaquett e Chatters (2014) encontraram prevalências mais baixas, 15.5% para o género feminino e 3.6% para o género masculino. Schenk e Fremouw (2012) encontraram prevalências idênticas entre o género feminino e o género masculino, 8.7% e 8.4%, respetivamente.

No entanto, o estudo das diferenças de género não se restringe às vítimas, estendendo-se aos comportamentos de vitimação, impacto, formas de impedir a continuação da situação e meios utilizados. De acordo com o estudo desenvolvido por Aricak (2009), os participantes do género masculino tendem a fazer-se passar por outra pessoa comparativamente aos participantes do género feminino. No seguimento deste estudo, Turan, Polat, Karapirli, Uysal e Turan (2011) verificaram que os participantes do género feminino são vítimas pela sua sexualidade e experienciam mais medo e embaraço que os participantes do género masculino. No que se refere às formas de impedir a continuação da situação, os participantes do género

feminino tendem a evitar a internet/telemóvel enquanto os participantes do género masculino tendem a consumir álcool/drogas (Schenk & Fremouw, 2012). Relativamente aos meios utilizados, os participantes do género feminino tendem a ser vítimas através das redes sociais e mensagens de texto, e os participantes do género masculino através de *blogs*, fóruns ou *chat* (Faucher, Jackson & Cassidy, 2014).

Desta forma, e ainda que o número de estudos sobre a ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários seja reduzido, os dados apresentados demonstram que se trata de um problema sério que pode ser experienciado em qualquer idade (Tokunaga, 2010).

O presente estudo quantitativo, ao focar-se na problemática do *cyberbullying* em estudantes universitários, pretende contribuir para uma melhor compreensão do *cyberbullying*, não só na perspetiva internacional como nacional. Desta forma, pretendeu-se com a realização deste estudo determinar a prevalência do *cyberbullying* e as diferenças de género em contexto universitário, respondendo às seguintes questões de investigação: i) Quais os tipos de atividades online praticadas pelos estudantes universitários e qual a prevalência das mesmas?; ii) Com que frequência os estudantes universitários experienciam, perpetram e observam comportamentos de *cyberbullying*?; iii) Qual a relação que as vítimas de *cyberbullying* têm com os seus agressores?; iv) Existem diferenças, em função do género, na vitimação, perpetração e observação de comportamentos de *cyberbullying*?; e v) Quais as estratégias de coping utilizadas pelas vítimas de *cyberbullying*?

Método

A presente investigação é de índole quantitativa e de cariz exploratório, transversal e descritivo, sustentada pela técnica do questionário.

Amostra

Para a realização desta investigação recorreu-se a uma amostra de conveniência, tendo sido necessário estabelecer critérios de inclusão na amostra. Desta forma, o estudo era

dirigido a participantes com idade igual ou superior a 18 anos, a frequentar um estabelecimento de ensino superior português.

A amostra inicial era constituída por 949 participantes, tendo-se excluído 16 por não cumprirem os critérios estabelecidos. Assim, a amostra final era constituída por 933 participantes, dos quais 687 (73.6%) eram do sexo feminino e 246 (26.4%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 69 anos ($M=22.80$; $DP= 5.54$) (cf. Tabela 1).

Em relação ao local de residência, foi possível constatar que 49.2% dos participantes residiam na região Centro, 28.2% na região Sul, 18.9% na região Norte e 3.8% nas Ilhas. Mais de metade dos participantes (60.7%, $n=566$) não se encontravam a estudar fora do local de residência (cf. Tabela 1).

No que se refere ao ano curricular em que se encontravam os participantes, 30.9% frequentavam o 1.º ano, 28.0% frequentavam o 2.º ano, 24.3% frequentavam o 3.º ano, 8.8% frequentavam o 4.º ano, 6.9% frequentavam o 5.º ano e 1.2% frequentavam o 6.º ano. Mais de metade dos participantes (75.3%, $n=703$) não se encontravam envolvidos em atividades académicas e dos que se encontravam envolvidos, 9.3% faziam parte do núcleo de estudantes, 6.1% da associação de estudantes, 3.1% da tuna académica, 2.3% da equipa de desporto e 0.4% do coro académico (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Sexo	Feminino	73.6	687
	Masculino	26.4	246
Idade	18 a 20 anos	35.2	328

	21 a 23 anos	39.3	367
	24 a 26 anos	14.3	133
	27 a 29 anos	4.6	43
	30 ou mais anos	6.6	62
Distrito de residência	Açores	2.7	25
	Aveiro	2.0	19
	Beja	1.2	11
	Braga	2.4	22
	Bragança	0.5	5
	Castelo Branco	0.9	8
	Coimbra	2.3	21
	Évora	1.8	17
	Faro	5.0	47
	Guarda	0.6	6
	Leiria	3.8	35
	Lisboa	38.5	359
	Madeira	1.1	10
	Portalegre	1.1	10
	Porto	10.4	97
	Santarém	2.8	26
	Setúbal	20.2	188
	Viana do Castelo	0.9	8
	Vila Real	1.1	10
	Viseu	1.0	9
Região de residência	Norte	18.9	176

	Centro	49.2	459
	Sul	28.2	263
	Ilhas	3.8	35
Ano curricular	1.º ano	30.9	288
	2.º ano	28.0	261
	3.º ano	24.3	227
	4.º ano	8.8	82
	5.º ano	6.9	64
	6.º ano	1.2	11
Atividades académicas	Associação de estudantes	6.1	57
	Coro académico	0.4	4
	Equipa de desporto	2.3	21
	Núcleo de estudantes	9.3	87
	Tuna académica	3.1	29
	Outra	6.3	59

Instrumentos

Para a realização desta investigação recorreu-se ao método do inquérito, sustentado pela técnica do questionário. Desta forma, os instrumentos utilizados foram o Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES – Veiga Simão & Martins, 2012) (remeter para anexo) e um questionário sociodemográfico elaborado para o efeito, no qual constam também questões relacionadas com os padrões de utilização da internet.

O QCES tem como objetivo caracterizar o tipo de envolvimento nas situações de cyberbullying. Este questionário é constituído por 44 itens, dois itens sociodemográficos e 42 itens de resposta fechada, e inicia-se com uma breve introdução de como as tecnologias de

informação e comunicação podem ser utilizadas para maltratar os outros, sendo depois pedido aos participantes que recordem a experiência mais recente que tenham tido. O questionário é dividido em seis partes: quatro partes direcionadas para os diferentes intervenientes (vítimas, agressores, observadores de vítimas e observadores de agressores) e duas partes direcionadas a todos os participantes sobre quem pode ajudar e o que se pode fazer nestas situações, respetivamente. Os itens de resposta fechada apresentam como opções de resposta: sim ou não; nunca, algumas vezes ou muitas vezes; ensino básico, secundário e superior; e nos restantes o participante deve seleccionar as opções que se adequam à sua situação.

Procedimentos

Numa primeira etapa, foram enviados os pedidos de autorização às autoras do instrumento para a utilização do mesmo no presente estudo. De seguida, procedeu-se à elaboração do protocolo de investigação com a descrição do estudo a ser submetido à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Obtidas as autorizações para a realização do estudo, o questionário sociodemográfico, o instrumento e o consentimento informado foram transpostos para uma versão digital, com recurso ao *Google Docs*. Seguidamente, foi pedida colaboração para a participação e divulgação do estudo através de contactos de *e-mail* pessoal (técnica de *snowball*) e redes sociais. A recolha de dados realizou-se entre março e maio de 2016, encontrando-se o questionário *online* durante este tempo. Antes de responderem ao questionário e para que pudessem decidir participar, os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, os critérios de inclusão na amostra, a importância da sua participação e dada a garantia de confidencialidade e anonimato das suas respostas. Concluída a recolha de dados, estes foram transferidos para uma base de dados criada para o efeito, com recurso ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS versão 22.0), e analisados.

É de referir que só os questionários que cumpriram os critérios de inclusão fazem parte da amostra final.

Análise de Dados

Os dados recolhidos no presente estudo foram sujeitos a análises estatísticas com recurso ao programa informático IBM SPSS versão 22.0. Num primeiro momento, foram realizadas análises descritivas para a caracterização sociodemográfica da amostra, dos padrões de utilização da internet, dos comportamentos de vitimação, do impacto da agressão, das respostas à vitimação e estimar a prevalência do tipo de envolvimento que os participantes tiveram no cyberbullying. Em seguida, efetuaram-se análises inferenciais, com recurso a testes não-paramétricos, para analisar a existência de diferenças significativas entre a variável sociodemográfica sexo e os itens do instrumento referentes às vítimas. A utilização de testes não-paramétricos prendeu-se com o facto de, e depois de analisada a normalidade das distribuições, não se verificarem os pressupostos que conferem rigor científico aos testes paramétricos.

Resultados

Caracterização dos Padrões de Utilização da Internet

Analisando a utilização da internet pelos participantes, foi possível verificar que 97.7% (n=912) utilizava a internet todos os dias, dispensando diariamente entre 3h e 5h (36.1%).

Relativamente às atividades praticadas *online*, a mais referida pelos participantes foi aceder às redes sociais (97.7%), seguindo-se pesquisar e fazer trabalhos académicos (92.3%), aceder ao correio eletrónico (91.1%) e comunicar com amigos e família (88.5%).

Caracterização do Tipo de Envolvimento dos Participantes no Cyberbullying

No que se refere à ocorrência de episódios de cyberbullying vivenciados pelos participantes, foi possível verificar que 29.7% (n=277) foram vítimas de *cyberbullying* e 6.5% (n=60) perpetraram comportamentos de *cyberbullying* em algum momento das suas

vidas. É de referir que 49.0% (n=457) observaram algum episódio de *cyberbullying* segundo a perspetiva da vítima e 16.7% (n=156) segundo a perspetiva do agressor.

Analisando, com recurso ao teste de *Mann-Whitney*, a existência de diferenças entre a vitimação e o género dos participantes, não foram encontradas diferenças significativas. No que se refere à perpetração, verificaram-se diferenças significativas que indicam que os participantes do género masculino tende a perpetrar mais comportamentos de *cyberbullying* comparativamente aos participantes do género feminino [$Z(U) = -3.119; p = 0.002$].

Caracterização das Vítimas

No conjunto dos participantes que revelaram ter sido vítimas, 76.9% dos participantes era do género feminino e 23.1% era do género masculino. No que se refere ao autor da agressão, verificou-se que 38.3% era do género masculino, 24.5% era do género feminino, 19.9% era um grupo misto, 10.7% era um grupo de raparigas e 4.6% era um grupo de rapazes. Na sua maioria (52,0%), não se tratava de um colega de escola.

Questionados sobre o ano de escolaridade que frequentavam quando ocorreu a situação de *cyberbullying*, 23.8% (n=66) dos participantes respondeu estar no ensino básico, 46.6% (n=129) no ensino secundário e 29.6% (n=82) no ensino superior.

Meios utilizados.

Relativamente ao tipo de tecnologia utilizada no *cyberbullying*, 37.5% das situações foram realizadas com recurso ao telemóvel e 87.0% com recurso ao computador. Dos meios utilizados, Facebook foi o meio mais referido com 55.6%, seguindo-se SMS/MMS com 32.9%, *chat* com 27.4% e Messenger com 25.6%.

No que respeita às diferenças entre tipo de meios utilizados e o género dos participantes, encontraram-se, através do teste de *Mann-Whitney*, diferenças significativas em relação ao YouTube [$Z(U) = -2,446; p = 0.014$], indicando que os participantes do género masculino são mais vitimados através deste meio do que os participantes do género feminino (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Comparação, por género, da prevalência dos meios utilizados

Meios utilizados	Género				Z(U)	P
	Masculino		Feminino			
	n	Ordem média	n	Ordem média		
<i>Blogs</i>	64	138.16	213	139.25	-0.219	0.826
<i>Chats</i>	64	148.61	213	136.11	-1.416	0.157
<i>E-mail</i>	64	144.44	213	137.46	-1.043	0.297
Facebook	64	152.89	213	134.83	-1.838	0.066
Hi5	64	128.80	213	142.06	-1.558	0.119
Messenger	64	135.96	213	139.91	-0.458	0.647
Myspace	64	138.50	213	139.15	-0.548	0.584
Second Life	64	138.50	213	139.15	-0.548	0.584
SMS/MMS	64	130.29	213	141.62	-1.219	0.223
YouTube	64	147.15	213	136.55	-2.446	0.014*

* $p < 0.05$

Prevalência dos comportamentos de vitimação.

No que concerne aos comportamentos de vitimação, ocorridos algumas vezes e muitas vezes, ter sido insultado foi o mais referido pelos participantes (56.7% vs 26.0%), seguindo-se ter sido gozado (52.0% vs 26.7%) e terem sido espalhados boatos sobre a sua vida (42.6% vs 18.4%) (cf. Tabela 3).

Ao comparar, com recurso ao teste de *Mann-Whitney*, os comportamentos de vitimação relativamente ao género dos participantes, verificou-se a existência de diferenças significativas em relação ao comportamento de ameaça [$Z(U) = -2.261$; $p = 0,024$] e de assédio

[$Z(U) = -2.532$; $p = 0.011$], indicando que os participantes do género masculino são mais vítimas de ameaça enquanto os participantes do género feminino são mais vítimas de assédio com conteúdos de carácter sexual (cf. Tabela 4).

Tabela 3

Prevalência dos comportamentos de vitimação

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Ameaçaram-me	Nunca	50.9	141
	Algumas vezes	40.8	113
	Muitas vezes	8.3	23
Assediaram-me com conteúdos de carácter sexual	Nunca	61.4	170
	Algumas vezes	30.7	85
	Muitas vezes	7.9	22
Espalharam boatos sobre a minha vida	Nunca	39.0	108
	Algumas vezes	42.6	118
	Muitas vezes	18.4	51
Fizeram-se passar por mim	Nunca	79.1	219
	Algumas vezes	17.0	47
	Muitas vezes	4.0	11
Gozaram-me	Nunca	21.3	59
	Algumas vezes	52.0	144
	Muitas vezes	26.7	74
Insultaram-me	Nunca	17.3	48
	Algumas vezes	56.7	157
	Muitas vezes	26.0	72

Mostraram que possuíam informações sobre a minha vida que podem afetar o meu bem-estar psicológico	Nunca	58.1	161
	Algumas vezes	30.0	83
	Muitas vezes	11.9	33
Revelaram dados sobre a minha vida privada	Nunca	67.5	187
	Algumas vezes	25.3	70
	Muitas vezes	7.2	20
Usaram a minha imagem sem autorização	Nunca	73.6	204
	Algumas vezes	19.9	55
	Muitas vezes	6.5	18
Outro	Nunca	88.1	244
	Algumas vezes	8.3	23
	Muitas vezes	3.6	10

Tabela 4

Comparação, por género, da prevalência dos comportamentos de vitimação

Comportamentos	Género				Z(U)	p
	Masculino		Feminino			
	n	Ordem média	n	Ordem média		
Ameaçaram-me	64	156.75	213	133.67	-2.261	0.024*
Assediaram-me com conteúdos de carácter sexual	64	119.88	213	144.74	-2.532	0.011*
Espalharam boatos sobre a minha vida	64	139.65	213	138.81	-0.080	0.936
Fizeram-se passar por mim	64	144.16	213	137.45	-0.830	0.407

Gozaram-me	64	145.06	213	137.18	-0.757	0.449
Insultaram-me	64	145.16	213	137.15	-0.787	0.431
Mostraram que possuíam informação sobre a minha vida que podem afetar o meu bem-estar psicológico	64	144.44	213	137.37	-0.703	0.482
Revelaram dados sobre a minha vida privada	64	145.70	213	136.99	-0.929	0.353
Usaram a minha imagem sem autorização	64	135.70	213	139.99	-0.488	0.626
Outro	64	139.96	213	138.71	-0.195	0.846

* $p < 0.05$

Impacto da vitimação.

No que se refere às reações relacionados com a agressão, destacam-se a insegurança (56.8%), a preocupação (52.0%), a raiva (51.6%) e a tristeza (45.8%).

No que respeita às diferenças entre reações à agressão e o género dos participantes, encontraram-se, mediante aplicação do teste de *Mann-Whitney*, diferenças significativas em relação à indiferença [$Z(U) = -3.024$; $p = 0.002$], insegurança [$Z(U) = -2.678$; $p = 0.007$], raiva [$Z(U) = -2.026$; $p = 0.043$], superioridade [$Z(U) = -2.273$; $p = 0.023$] e tristeza [$Z(U) = -2.138$; $p = 0.032$]. Assim, sentir indiferença e superioridade está mais relacionado com os participantes do género masculino enquanto a insegurança, a raiva e a tristeza está mais relacionada com os participantes do género feminino (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Comparação, por género, das prevalências das reações à agressão

Reações	Género
---------	--------

	Masculino		Feminino		Z(U)	<i>p</i>
	n	Ordem	n	Ordem		
		média		média		
Alegria	62	139.90	211	136.15	-1.824	0.068
Ciúme	62	137.70	211	136.79	-0.441	0.659
Culpa	62	135.31	211	137.50	-0.303	0.762
Desprezo	62	150.04	211	133.17	-1.850	0.064
Embaraço	62	124.03	211	140.81	-1.722	0.085
Indiferença	62	154.13	211	131.97	-3.024	0.002*
Inferioridade	62	135.03	211	137.58	-0.273	0.785
Insegurança	62	116.74	211	142.95	-2.678	0.007*
Inveja	62	136.70	211	137.09	-0.146	0.884
Medo	62	127.73	211	139.72	-1.236	0.217
Orgulho	62	139.60	211	136.23	-1.012	0.312
Preocupação	62	125.44	211	140.40	-1.515	0.130
Raiva	62	121.54	211	141.54	-2.026	0.043*
Superioridade	62	145.61	211	134.47	-2.273	0.023*
Surpresa	62	137.52	211	136.85	-0.093	0.926
Tristeza	62	120.73	211	141.78	-2.138	0.032*

* $p < 0.05$

Respostas à vitimação.

Dos participantes que referiram ter sido vítimas, mais de metade (71.5%) fizeram alguma coisa para impedir a continuação da situação. Destes, 54.0% referiram ter confrontado o agressor, 46.5% ter excluído o agressor da rede social, 37.4% ter alterado o seu perfil de privacidade e 35.4% ter evitado o contacto com o agressor (cf. Tabela 6).

Ao comparar, com recurso ao teste de *Mann-Whitney*, as respostas à vitimação relativamente ao género dos participantes, verificou-se diferenças significativas em relação a confrontar o agressor [$Z(U) = -2.402$; $p = 0.016$] e evitar o contacto com o agressor [$Z(U) = -2.011$; $p = 0.044$], indicando que os participantes do género masculino tendem a confrontar o agressor enquanto os participantes do género feminino tendem a evitar o contacto com o agressor (cf. Tabela 7).

Tabela 6

Prevalência das respostas à vitimação

	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Altere o meu perfil de privacidade	37.4	74
Apaguei a página do Facebook	7.6	15
Confrontei o agressor	54.0	107
Contactei o gestor do site	16.7	33
Contactei a polícia	7.1	14
Deixei de atender chamadas anónimas	30.3	60
Desativei o <i>e-mail</i>	4.0	8
Evitei o contacto com o agressor	35.4	70
Excluí o agressor da rede social	46.5	92
Ignorei a agressão	24.2	48
Mudei de número de telemóvel	8.1	16
Procurei a ajuda de alguém de confiança	32.3	64
Procurei apoio profissional	8.6	17
Tentei descobrir quem era o agressor	12.6	25
Tomei mais atenção à webcam do computador	7.6	15

Outro	5.8	16
-------	-----	----

Tabela 7

Comparação, por género, da prevalência das respostas à vitimação

Respostas	Género				Z(U)	p
	Masculino		Feminino			
	n	Ordem média	n	Ordem média		
Altere o meu perfil de privacidade	41	93.89	157	100.96	-0.840	0.401
Apaguei a página do Facebook	41	99.24	157	99.57	-0.070	0.944
Confrontei o agressor	41	116.02	157	95.18	-2.402	0.016*
Contactei o gestor do site	41	102.32	157	98.76	-0.548	0.584
Contactei a polícia	41	102.16	157	98.81	-0.751	0.452
Deixei de atender chamadas anónimas	41	93.65	157	101.03	-0.923	0.356
Desativei o <i>e-mail</i>	41	97.91	157	99.91	-0.583	0.560
Evitei o contacto com o agressor	41	86.23	157	102.96	-2.011	0.044*
Excluí o agressor da rede social	41	89.72	157	102.05	-1.421	0.155
Ignorei a agressão	41	97.23	157	100.09	-0.383	0.701
Mudei de número de telemóvel	41	98.74	157	99.70	-0.201	0.841
Procurei ajuda de alguém de confiança	41	103.72	157	99.20	-0.654	0.513
Procurei apoio profissional	41	100.66	157	99.20	-0.300	0.764
Tentei descobrir quem era o agressor	41	106.32	157	97.72	-1.487	0.137
Tomei mais atenção à webcam do	41	94.41	157	100.83	-1.392	0.164

computador

* $p < 0.05$

Questionados sobre quem pode ajudar nas situações, os amigos foram os mais referidos pelos participantes em 72.2% dos casos, seguindo-se os pais com 65.3% e a polícia com 53.8% (remeter para anexo).

No que respeita às diferenças entre quem pode ajudar nestas situações e o género dos participantes, verificou-se, mediante aplicação do teste de *Mann-Whitney*, diferenças significativas nos pais [$Z(U) = -3.534$; $p = 0.000$] e na polícia [$Z(U) = -2.119$; $p = 0.034$], indicando que os participantes do género feminino recorrem mais aos pais e à polícia comparativamente aos participantes do género masculino (remeter para anexo).

Discussão

O presente estudo pretendeu caracterizar o *cyberbullying* em contexto universitário nomeadamente a sua prevalência, os meios utilizados, o seu impacto e as respostas utilizadas para impedir a continuação desta situação, e analisar a existência de diferenças entre estes e o género dos participantes.

Analisando a utilização da internet pelos participantes, verifica-se que a maioria dos participantes (97.7%) utilizava a internet de forma diária, reforçando que os estudantes universitários são a população que mais utiliza as novas tecnologias (Schenk & Fremouw, 2012; Kota, Schoohs, Benson & Moreno, 2014), o que os torna mais vulneráveis a situações de *cyberbullying*.

No que refere à prevalência do *cyberbullying* em estudantes universitários, concluiu-se que, de uma forma global, esta apresenta índices consideráveis, quer em termos de perpetração (6.5%) como de vitimação (29.7%). Ao compararmos os índices obtidos, verifica-se que o índice da perpetração se encontra ligeiramente abaixo dos índices revelados por outros estudos, os quais se encontram compreendidos entre os 7.9% (Wozencroft et al.,

2015) e os 19.7% (Aricak, 2009); o índice de vitimação encontra-se entre os 8.6% (Schenk & Fremouw, 2012) e os 54.4% (Aricak, 2009). Foram encontradas diferenças significativas entre o género dos participantes e a perpetração, indicando que os participantes do género masculino tendem a perpetrar mais comportamentos de *cyberbullying* comparativamente aos participantes do género feminino, o que vai de encontro aos resultados obtidos em estudos internacionais (e.g., Aricak, 2009; Dilmac, 2009; Akbulut & Eristi, 2011) e nacionais (e.g., Francisco, 2012; Francisco et al., 2015). É também importante referir que 49.0% dos participantes foram observadores de vítimas e 16.7% foram observadores de agressores, verificando-se que estes estão próximos dos índices obtidos por outros estudos (e.g., Francisco et al., 2015; Martins et al., 2014).

Sobre a identidade do agressor, foi possível verificar que na maioria das situações tratava-se de um rapaz que não era colega de escola/faculdade (52.0%), o que é corroborado por outros estudos (e.g., Walker et al., 2011; Francisco, 2012) No que refere ao ano de escolaridade que frequentavam quando ocorreu a última situação de *cyberbullying*, 23.8% estava no ensino básico, 46.6% no secundário e 29.6% no ensino superior. O índice de vitimação na universidade é superior ao encontrado no estudo de Walker e colaboradores (2011) e Francisco (2012), 11% e 18.2%, respetivamente.

Os meios utilizados mais referidos pelos participantes foram o Facebook, SMS/MMS, *chat* e Messenger, o que vai de encontro ao que foi verificado noutros estudos (e.g., Souza, 2011; Walker et al, 2011). Constatou-se ainda que existem diferenças significativas entre o género dos participantes e o YouTube, indicando que os participantes do género masculino são mais vitimados com recurso a este meio que os participantes do género feminino.

Os comportamentos de vitimação mais referidos pelos participantes foram ser insultado, ser gozado e ver espalhados rumores sobre a sua vida, o que vai de encontro ao que foi verificado noutros trabalhos (e.g., Francisco, 2012; Martins et al., 2014; Souza, 2016). Foram

ainda encontradas diferenças significativas entre o género dos participantes e os comportamentos de vitimação, indicando que os participantes do género masculino são mais vítimas de ameaça enquanto os participantes do género feminino são mais vítimas de assédio com conteúdos de carácter sexual. Este último resultado vai ao encontro dos resultados obtidos por Turan e colaboradores (2011), o qual verificou que os participantes do género feminino eram mais vitimadas pela sua sexualidade.

No que concerne à reações relacionadas com a agressão destacam-se a insegurança, a preocupação, a raiva e a tristeza, o que vai de encontro aos resultados obtidos noutros estudos (e.g., Francisco, 2012; Zalaquett & Chatters, 2014; Francisco et al., 2015; Martins et al., 2014; Souza, 2016). Analisando as diferenças entre o género dos participantes e as reações à agressão, verificou-se que a indiferença e a superioridade são mais experienciadas pelos participantes do género masculino enquanto os participantes do género feminino experienciam mais insegurança, raiva e tristeza.

No que respeita a formas de impedir a continuação da situação verificou-se que 71,5% admitiu ter feito alguma coisa, sendo que 54.0% confrontaram o agressor, 46.5% excluíram o agressor da rede social, 37.4% alteraram o seu perfil de privacidade e 35.4% evitaram o contacto com o agressor. Estes resultados vão ao encontro daqueles que foram encontrados noutros estudos (e.g., Souza, 2011; Francisco et al., 2015; Souza 2016). Constatou-se ainda que existem diferenças significativas entre o género dos participantes e as respostas à vitimação, sendo que os participantes do género masculino tendem a confrontar o agressor enquanto os participantes do género feminino tendem a evitar o contacto com o mesmo.

Por fim, e relativamente a quem pode ajudar nestas situações, 72,2% dos participantes referiram os amigos, 65.3% os pais e 53.8% à polícia, o que vai ao encontro dos resultados obtidos noutros estudos (e.g., Francisco et al., 2015; Souza, 2016). Foram encontradas diferenças entre o género dos participantes e quem pode ajudar, indicando que os

participantes do género feminino tendem a recorrer mais aos pais e à polícia comparativamente aos participantes do género masculino. Este resultado é corroborado pelo estudo de Francisco e colaboradores (2015), o qual concluiu que os participantes do género masculino recorriam mais aos pais e aos professores do que os participantes do género feminino.

Conclusão

O presente estudo procurou contribuir para uma melhor compreensão da ocorrência do *cyberbullying* em estudantes universitários e o desenvolvimento de programas de intervenção e de prevenção mais eficazes, colmatando algumas lacunas existentes nas investigações já desenvolvidas. Neste sentido, o estudo pretendeu determinar a prevalência do *cyberbullying* e as diferenças de género, focando-se nas vítimas e os comportamentos experienciados por estas, os meios utilizados, o impacto e as respostas à vitimação. Ao procurarmos abranger o maior número de estudantes universitários, obteve-se uma amostra representativa da população universitária do país, o que permitiu extrair generalizações, ainda que com o devido cuidado.

Não obstante, o estudo apresenta algumas limitações. A primeira limitação refere-se à amostra por conveniência, verificando-se uma grande disparidade em termos do género (73,6% raparigas e 26,4% rapazes). A segunda limitação prende-se com o facto de o instrumento utilizado ter opções de resposta subjetivas (nunca, algumas vezes, muitas vezes) e diferentes tipos de resposta o que não permitiu que fossem determinadas as propriedades psicométricas do instrumento. Por se tratar de um instrumento de autorrelato, o participante pode responder conforme a desejabilidade social e dar um falso relato. Não foi possível controlar o preenchimento do instrumento por o mesmo ter sido administrado *online*.

Assim, é importante que continuem a ser desenvolvidos estudos que permitam caracterizar a ocorrência do *cyberbullying* no nosso país bem como averiguar a existência de diferenças

de género. Pelas limitações que as medidas de autorrelato encerram, verifica-se a necessidade de serem utilizadas medidas longitudinais que permitam determinar as características das vítimas, o impacto e a eficácia das estratégias adotadas por estas para impedir a continuação da situação. Por fim, é importante serem delineadas estratégias de prevenção dirigidas à comunidade académica (e.g., realização de ações de sensibilização sobre o *cyberbullying*, a utilização das novas tecnologias e perigos associados, a aplicação de medidas socioeducativas) e de estratégias de intervenção direcionadas aos diferentes papéis que os estudantes podem ter no *cyberbullying* (e.g., incentivar à denúncia, medidas que podem ser tomadas, prestar apoio).

Referências

- Aricak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, 34, 167-184.
- Akbulut, Y., & Eristi, B. (2011). Cyberbullying and victimization among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, 27(7), 1155-1170. doi: 10.14742/ajet.910.
- Chisholm, J. F. (2014). Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention. *Journal of Information Systems Education*, 25(3), 77-87.
- David-Ferdon, C., & Hertz, M. F. (2007). Electronic media, violence, and adolescents: An emerging public health problem. *Journal of Adolescent Health*, 41, S1–S5. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.020.
- Dilmac, B. (2009). Psychological needs as a predictor of cyberbullying: A preliminary report on college students. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 9(3), 1307-1325.
- Faucher, C., Jackson, M., & Cassidy, W. (2014). Cyberbullying among university students: Gendered experiences, impacts and perspectives. *Educational Research International*, 2014, 1-10. doi: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/698545>.
- Finn, J. (2004). A survey of online harassment at a university campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(4), 468-483.
- Francisco, S. M. (2012). *Cyberbullying: A faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses*. (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia-Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Francisco, S. M., Veiga Simão, A. M., Ferreira, P. C., & Martins, M. J. D. (2015). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in Human Behavior*, 43, 167-182. doi: 10.1016/j.chb.2014.10.045.

- Kota, R., Schoohs, S., Benson, M., & Moreno, M. A. (2014). Characterizing cyberbullying among college students: Hacking, dirty laundry, and mocking. *Societies*, 4(4), 549-560. doi: 10.3390/soc4040549.
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41, S22-S30. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.017.
- MacDonald, C. D., & Roberts-Pittman, B. (2010). Cyberbullying among college students: prevalence and demographic differences. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 9, 2003-2009. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.12.436.
- Martins, M. J. D., Veiga Simão, A. M., & Azevedo, P. (2014). Experiências de cyberbullying relatadas por estudantes do ensino superior politécnico. In F. Veiga (Coord.). (2014), *Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas Internacionais da Psicologia e Educação/Students' Engagement in School: International Perspectives of Psychology and Education* (pp. 853-865). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148-169. doi: 10.1177/1541204006286288.
- Paullet, K., & Pinchot, J. (2014). Behind the screen where today's bully plays: Perceptions of college students on cyberbullying. *Journal of Information Systems Education*, 25(1), 63-69.
- Schenk, A. M., & Fremouw, W. J. (2012). Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbullying victims among college students. *Journal of School Violence*, 11, 21-37. doi: 10.1080/15388220.2011.630310.
- Smith, J. A., & Yoon, J. (2013). Cyberbullying presence, extent, & forms in a midwestern post-secondary institution. *Information Systems Education Journal*, 11(3), 52-78.

- Smith, P. K., del Barrio, C., & Tokunaga, R. S. (2013). Definitions of bullying and cyberbullying: How useful are the terms? In S. Bauman, D. Cross, & J. Walker (Eds.), *Principles of cyberbullying research: Definitions, measures, and methodology* (pp. 26-40). New York: Routledge.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x.
- Souza, S. B. (2011). *Cyberbullying: Estudo exploratório sobre as perspectivas acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento com jovens universitários portugueses*. (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia-Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Souza, S. B. (2016). *Cyberbullying: A violência virtu@l conectada ao mundo real dos estudantes em contextos universitários do Brasil e Portugal* (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia-Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Development*, 26, 277-287. doi: 10.1016/j.chb.2009.11.014.
- Tomsa, R., Jenaro, C., Campbell, M., & Neacsu, D. (2013). Student's Experiences with traditional bullying and cyberbullying: Findings from a Romanian sample. *Procedia, Social and Behavioral Sciences*, 78, 586-590. doi: 10.1016/j.sbspro.2013.04.356.
- Turan, N., Polat, O., Karapirli, M., Uysal, C, & Turan, S. G. (2011). The new violence type of the era: Cyberbullying among university students. Violence among university students. *Neurology Psychiatric & Brain Research*, 17, 21-26. doi: 10.1016/j.npbr.2011.02.005.

- Walker, C. M., Sockman, B. R., & Koehn, S. (2011). An exploratory study of cyberbullying with undergraduate university students. *TechTrends*, 55(2), 31-38.
- Wozencroft, K., Campbell, M., Orel, A., Kimpton, M., & Leong, E. (2015). University students' intentions to report cyberbullying. *Australian Journal of Educational & Development Psychology*, 15, 1-12.
- Zalaquett, C. P., & Chatters, S. J. (2014). Cyberbullying in college: Frequency, characteristics, and practical implications. *Sage Open*, 1-8. doi: 10.1177/2158244014526721.

Conclusão Geral

O fenómeno do *cyberbullying* em estudantes universitários tem vindo a ganhar mais visibilidade junto da comunidade académica, assistindo-se ao crescimento do número de estudos desenvolvidos. Trata-se de um problema sério e transversal a muitos países, incluindo Portugal, e com consequência negativas que se manifestam em diferentes domínios da vida dos estudantes.

Neste sentido, a investigação permitiu revelar, ainda que parcialmente, a realidade do *cyberbullying* em estudantes universitários portugueses. De forma específica, pretendeu-se, através de um estudo quantitativo, determinar a prevalência e as diferenças de género no *cyberbullying* em estudantes universitários do nosso país. No que refere ao tipo de envolvimento dos participantes no *cyberbullying*, 6.5% já perpetraram comportamentos de *cyberbullying* e 29.7% foram vítimas, sendo os comportamentos mais referidos ser insultado, ser gozado e ver espalhados rumores sobre a sua vida, maioritariamente com recurso ao Facebook. Foi possível verificar que os participantes do género masculino tenderam a ser vítimas de ameaça e os participantes do género feminino de assédio com conteúdos de carácter sexual.

As reações relacionadas com a agressão mais referidas pelas vítimas foram a insegurança, preocupação, raiva e tristeza, verificando-se que os participantes do género masculino experienciam mais indiferença e superioridade enquanto os participantes do género feminino sentem mais insegurança, raiva e tristeza.

No que concerne às formas de impedir a continuação da agressão, as vítimas adotaram na sua maioria estratégias *online*, tendo-se verificado que os participantes do género masculino tendem a confrontar o agressor enquanto os participantes do género feminino evitam o contacto com o mesmo. É de referir que 28.5% das vítimas não adotou nenhuma estratégia.

Desta forma, e considerando as limitações já referidas, o presente estudo pretendeu contribuir para uma melhor compreensão do *cyberbullying* em estudantes universitários, procurando deixar diretrizes para futuros estudos e para programas de prevenção e intervenção. É ainda de referir a necessidade de serem desenvolvidos estudos de *design* longitudinal que permitam determinar as características das vítimas, o impacto e a eficácia das estratégias adotadas por estas para impedir a continuação da agressão.

Referências

- Aricak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, 34, 167-184.
- Akbulut, Y., & Eristi, B. (2011). Cyberbullying and victimization among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, 27(7), 1155-1170. doi: 10.14742/ajet.910.
- Chisholm, J. F. (2014). Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention. *Journal of Information Systems Education*, 25(3), 77-87.
- David-Ferdon, C., & Hertz, M. F. (2007). Electronic media, violence, and adolescents: An emerging public health problem. *Journal of Adolescent Health*, 41, S1–S5. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.020.
- Dilmac, B. (2009). Psychological needs as a predictor of cyberbullying: A preliminary report on college students. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 9(3), 1307-1325.
- Finn, J. (2004). A survey of online harassment at a university campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(4), 468-483.
- Francisco, S. M., Veiga Simão, A. M., Ferreira, P. C., & Martins, M. J. D. (2015). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in Human Behavior*, 43, 167-182. doi: 10.1016/j.chb.2014.10.045.
- MacDonald, C. D., & Roberts-Pittman, B. (2010). Cyberbullying among college students: prevalence and demographic differences. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 9, 2003-2009. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.12.436.
- Menesini, E., & Spiel, C. (2012). Introduction: Cyberbullying: Development, consequences, risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(2), 163-167. doi: 10.1080/17405629.2011.652833.

- Schenk, A. M., & Fremouw, W. J. (2012). Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbullying victims among college students. *Journal of School Violence, 11*, 21-37. doi: 10.1080/15388220.2011.630310.
- Smith, J. A., & Yoon, J. (2013). Cyberbullying presence, extent, & forms in a midwestern post-secondary institution. *Information Systems Education Journal, 11*(3), 52-78.
- Souza, S. B. (2011). *Cyberbullying: Estudo exploratório sobre as perspectivas acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento com jovens universitários portugueses*. (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia-Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Development, 26*, 277-287. doi: 10.1016/j.chb.2009.11.014.
- Walker, C. M., Sockman, B. R., & Koehn, S. (2011). An exploratory study of cyberbullying with undergraduate university students. *TechTrends, 55*(2), 31-38.

Anexos

Anexo A

Protocolo de Investigação

Cyberbullying – Ocorrência em meio universitário e diferenças de género

Inês J. Branco

Mestrado em Psicologia Jurídica

Universidade Fernando Pessoa

Sob orientação da Professora Doutora Laura M. Nunes e da Professora Doutora Cristina B.

Soeiro

Universidade Fernando Pessoa e Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz

1. Justificação do projeto

O presente projeto visa apresentar uma investigação que se debruçará sobre a ocorrência do *cyberbullying* em meio universitário. Trata-se de um estudo que avaliará a prevalência do *cyberbullying* entre estudantes universitários bem como as diferenças de género nos tipos de agressão/vitimação.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias, tornou-se mais fácil o acesso à internet em qualquer local e a qualquer hora (Holt & Bossler, 2014; Wall, 2001). A utilização de computadores e telemóveis permite manter o contacto com amigos e familiares geograficamente distantes, fazer *download* de músicas e filmes, frequentar cursos sem sair de casa, enviar mensagens instantâneas, ler notícias, aceder a bases de dados *online* de revistas académicas e grupos de discussão (Finn, 2004; Organ, Ozakca, & Groshek, 2008; Ling & Stald, 2010). Contudo, cria em paralelo oportunidades para que quem utiliza a internet se possa tornar vítima (Durkin & Patterson, 2011), nomeadamente de *cyberbullying*.

O *cyberbullying* consiste em comportamentos agressivos, praticados de forma intencional e repetida tendo como alvo uma pessoa ou um grupo (Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russel, & Tippett, 2008). Estes comportamentos podem replicar-se através Messenger, SMS/MMS (Short Message Service/Multimedia Messaging Service), redes sociais (como Facebook, Youtube, Twitter, Ask.m), telemóvel, internet, *mail* e *chat* (Matos, Simões, Tomé, Camacho, Ferreira, Ramiro, Reis, & equipa Aventura Social 2011; The Annual *Cyberbullying* Survey, 2013).

Embora a literatura sugira que o *cyberbullying* ocorre entre estudantes do ensino básico e diminui com o avançar da idade (Kowalski, Limber, & Agatston, 2012), este fenómeno também se verifica no ensino universitário (Akbulut & Eristi, 2001; Dilmaç, 2009; Finn, 2004; Kraft & Wang, 2010; Walker, Sockman, & Koehn, 2011).

No estudo de Finn (2004), 10 a 15% dos estudantes universitários de New Hampshire referiram ter recebido *mails* e mensagens instantâneas de assédio provenientes de estranhos, conhecidos e outros significativos. Estes resultados podem ser explicados pelo fácil acesso dos estudantes universitários à internet e internet sem fios nas universidades (residências de estudantes, bibliotecas, etc.). Com o objetivo de investigar a extensão do *cyberbullying* e da vitimação em estudantes universitários turcos, Akbulut & Eristi (2001) desenvolveram um estudo no qual os estudantes mencionaram ter recebido mails ou mensagens instantâneas (81.1%) com conteúdo religioso ou político (63,9%), convites para aplicações sociais incluindo chat inapropriados ou de mexericos (63,5%), palavrões ou calão enquanto utilizavam programas de mensagens instantâneas (61,8%), mails obscenos (61,8%),

endereços de identidade desconhecida (61,7%) e conteúdos não desejados sem dar o seu consentimento (61,4%).

Os resultados de Dilmaç (2009) revelaram que 22,5% dos estudantes universitários turcos já tinham perpetrado comportamentos de *cyberbullying* pelo menos uma vez enquanto 55,3% mencionaram ter sido vítimas de pelo menos um desses comportamentos. Constatou ainda que os homens reportavam mais comportamentos de *cyberbullying* que as mulheres, estando estas mais frequentemente expostas a comportamentos de *cyberbullying*. Kraft & Wang (2010) verificaram que 10% dos estudantes universitários de New Jersey mencionaram ter sido vítimas de *cyberbullying* e indivíduos com mais de 25 anos experienciam mais comportamentos de *cyberbullying* do que indivíduos mais novos. Por último, o estudo desenvolvido por Walker, Sockman, & Koehn (2011) revelou que 54% dos estudantes mencionaram conhecer alguém que foi vítima de *cyberbullying* enquanto 11% afirmaram ter experienciado *cyberbullying* através do Facebook (64%), telemóveis (43%) e mensagens instantâneas. Quanto à identidade do perpetrador, 50% identificaram-no como colega de turma, 57% pessoa exterior à universidade e 43% desconhecido.

Face ao mencionado, verifica-se a necessidade de serem desenvolvidas investigações que se centrem em estudantes universitários.

2. Caracterização da amostra

Antecipa-se que a amostra seja constituída por 300 estudantes universitários, de ambos os sexos, a frequentar estabelecimentos de ensino superior portugueses. Considera-se, como fator de inclusão, ser estudante em alguma universidade portuguesa, com idade superior aos 18 anos. A técnica de amostragem será a designada por “bola de neve”, através do envio do link do questionário, que será administrado via internet, para o correio eletrónico de pessoas que reúnam as condições para integrar a amostra, solicitando-se a cada uma delas que, após responder, faça o envio da mensagem a outras pessoas suas conhecidas que sejam também estudantes universitários em Portugal.

3. Material e Procedimento

Após aprovação do presente estudo pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa e obtida a autorização das autoras do Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES; Veiga Simão & Martins, 2012), cujo pedido foi enviado e aguardamos resposta (Cf. Anexo A), o questionário será administrado após ter sido transposto para uma versão digital, através do *Google Forms*, e divulgado por *mail*, de forma a chegar a um maior

número de indivíduos. Importa ainda referir que o tempo de resposta ao questionário será de 20 minutos.

Assim, e através da técnica de amostragem designada por “bola de neve”, serão enviadas mensagens através do correio eletrónico (não institucional) de jovens estudantes que, após responderem ao inquérito irão, por seu turno, encaminhar a mensagem, com o link do questionário, a outros estudantes seus conhecidos.

A administração do questionário, sendo *online*, não pode descuidar todos os procedimentos éticos e deontológicos, sem que antes de cada participante avançar, encontrará uma primeira página com uma declaração de consentimento informado (Cf. Anexo B) antecedida das informações referentes ao estudo, e que lhe permitam decidir participar. Nomeadamente, haverá informações sobre a forma de preenchimento do questionário, os objetivos do estudo, os critérios de inclusão na amostra, a importância da sua participação e a garantia de confidencialidade e anonimato das suas respostas. Após a recolha dos dados, estes serão introduzidos numa base de dados e analisados de forma quantitativa através do Statistical Package for Social Sciences (SPSS) versão 22.

Para recolher os dados demográficos dos participantes foi elaborado um questionário sociodemográfico, no qual constam também questões relacionadas com os padrões de utilização da internet (Cf. Anexo C).

Será ainda administrado o Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES; Veiga Simão & Martins, 2012) (Cf. Anexo D) para avaliar a prevalência do *cyberbullying* e as diferenças de género nos tipos de agressão/vitimação. Trata-se de um questionário de autorrelato que tem por objetivos: identificar e caracterizar agressores, vítimas e observadores de comportamentos de *cyberbullying*; identificar os tipos de agressão/vitimação mais frequentes; identificar os meios tecnológicos mais frequentemente utilizados para perpetrar este tipo de agressões; identificar o ano e nível de escolaridade em que o *cyberbullying* ocorre com maior frequência; identificar quais as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas de forma a lidar com o fenómeno bem como a sua perceção sobre a intervenção de terceiros (professores, pais, pares, etc.) face às situações de *cyberbullying*.

O questionário é constituído por, na sua versão adaptada, 42 itens de resposta fechada, iniciando-se com uma pequena introdução sobre a forma como as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem ser utilizadas para maltratar os outros. Em seguida, é pedido aos indivíduos que recordem uma experiência que tenham tido, considerando a mais recente, e são apresentadas seis partes direcionadas para vítimas; agressores; observadores das vítimas; observadores dos agressores e dois itens que se referem à obtenção de informação acerca de

quem pode ajudar a resolver e o que é possível fazer-se nestas situações. Os itens de resposta fechada variam entre: Sim ou Não; Nunca, Algumas vezes ou Muitas vezes; Ensino básico, secundário ou superior; e, nos restantes, os indivíduos devem selecionar as opções que se aplicam à sua situação.

4. Método

O estudo seguirá um método em que se explorarão dados quantitativos, através da adoção de um plano de estudo exploratório, transversal e descritivo com recurso ao questionário administrado online.

No que se refere às questões centrais de investigação, indaga-se o seguinte:

i) Quais os tipos de atividades online praticadas pelos estudantes universitários e qual a prevalência desses comportamentos?

ii) Com que frequência os estudantes universitários experienciam, observam e perpetram comportamentos de *cyberbullying*?

iii) Qual a relação que as vítimas de *cyberbullying* têm com os seus *cyberbullies*?

iv) Existem diferenças, em função do género, na vitimação, observação e interpretação de comportamentos de *cyberbullying*?

v) Quais as estratégias de coping utilizadas pelas vítimas de *cyberbullying*?

Desta forma, estão subjacentes os objetivos gerais de conhecer mais profundamente o fenómeno do *cyberbullying* em meio universitário, nomeadamente a sua prevalência e as diferenças de género.

O alcance dos objetivos anteriormente apresentados bem como a busca de respostas às questões apresentadas, requerem uma calendarização das diferentes atividades a desenvolver no decurso do processo de investigação, conforme se poderá observar em seguida (Quadro 1).

5. Calendarização

Quadro 1.

Calendarização do desenvolvimento da investigação

Mês / Ano	Atividades a desenvolver
Outubro de 2015	Revisão de literatura
Novembro de 2015	Revisão de literatura
Dezembro de 2015	Elaboração do protocolo de investigação; Revisão de literatura
Janeiro de 2016	Elaboração do protocolo de investigação; Envio do pedido de autorização para aplicação do instrumento; Revisão de literatura
Fevereiro de 2016	Entrega do protocolo de investigação à comissão de ética; Colocar o instrumento em suporte digital; Revisão de literatura
Março de 2016	Aplicação do instrumento; Revisão de literatura
Abril de 2016	Aplicação do instrumento; Revisão de literatura
Mai de 2016	Tratamento estatístico dos dados; Discussão dos resultados
Junho de 2016	Discussão dos resultados e conclusão; Revisão de literatura
Julho de 2016	Entrega da dissertação de mestrado

Referências

- Akbulut, Y., & Eristi, B. (2011). Cyberbullying and victimization among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, 27(7), 1155-1170.
- Dilmaç, B. (2009). Psychological needs as a predictor of cyberbullying: A preliminar report on college students. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 9(3), 1307-1325.
- Finn, J. (2004). A survey of online harassment at a university campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(4), 468-483.
- Hinduja, S., & Patchin, J. (2009). *Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Holt, T. J., & Bossler, A. D. (2014). Assessment of the current state of cybercrime scholarship. *Deviant Behavior*, 35, 20-40. doi: 10.1080/01639625.2013.822209.

- Kowalski R. M., Limber S. P., & Agatston P.W. (2012). *Cyber bullying: Bullying in the digital age* (2nd edition). Malden: Wiley-Blackwell.
- Kraft, E. M., & Wang, J. (2010). An exploratory study of the cyberbullying and cyberstalking experiences and factors related to victimization of students at a public liberal arts college. *International Journal of Technoethics*, 1(4), 74-91. doi: 10.4018/jte.2010100106.
- Ling, R., & Stald, G. (2010). Mobile communities: Are we talking about a village, a clan, or a small group. *American Behavioral Scientist*, 53(8), 1133-1147. doi: 10.1177/00027642093556245.
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ferreira, M., Ramiro, L., Reis, M., & equipa Aventura Social (2011). *Brochura HBSC– Problemas Emergentes e Contextos Sociais (Dados Nacionais 2010)*. ACS/FMH/UTL/CMDT-UNL. Retirado de: http://aventurasocial.com/perfilutilizador.php?profile_id=5&tab=publicacoes.
- Smith, P., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 376-385. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x.
- The Annual Cyberbullying Survey (2013). *Ditch the Label* (pp. 6-11).
- Organ, C. L., Ozakca, M., & Groshek, J. (2008). Embedding the internet in the lives of college students online and offline behavior. *Social Science Computer Review*, 26(2), 170-177. doi: 10.1177/0894439307306129.
- Walter, C. M., Sockman, B. R., & Koehn, S. (2011). An exploratory study of cyberbullying with undergraduate university students. *Tech Trends*, 55(2), 31-38.

Anexos

Anexo A

Pedidos de autorização para aplicação do instrumento

Pedidos de autorização para aplicação do instrumento

Exma. Professora Doutora Ana Simão,

O meu nome é Inês Jesus Branco e encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Psicologia Jurídica na Universidade Fernando Pessoa. O tema da minha dissertação é o *Cyberbullying* em meio universitário, sob orientação da Professora Doutora Laura Nunes pela Universidade Fernando Pessoa e da Professora Doutora Cristina Soeiro (c.soeiro@netcabo.pt) pelo Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, e tem como um dos objetivos avaliar a ocorrência do *Cyberbullying* em estudantes universitários.

Face ao exposto, venho por este meio solicitar a sua autorização para utilizar o Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES), o qual pretendemos administrar online.

Agradeço desde já a atenção dedicada a este assunto, encontrando-me disponível para prestar os esclarecimentos que considere pertinentes através do e-mail 33041@ufp.edu.pt.

Com os melhores cumprimentos,

Inês Branco

Exma. Professora Doutora Maria Martins,

O meu nome é Inês Jesus Branco e encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Psicologia Jurídica na Universidade Fernando Pessoa. O tema da minha dissertação é o *Cyberbullying* em meio universitário, sob orientação da Professora Doutora Laura Nunes pela Universidade Fernando Pessoa e da Professora Doutora Cristina Soeiro (c.soeiro@netcabo.pt) pelo Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, e tem como um dos objetivos avaliar a ocorrência do *Cyberbullying* em estudantes universitários.

Face ao exposto, venho por este meio solicitar a sua autorização para utilizar o Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES), o qual pretendemos administrar online.

Agradeço desde já a atenção dedicada a este assunto, encontrando-me disponível para prestar os esclarecimentos que considere pertinentes através do e-mail 33041@ufp.edu.pt.

Com os melhores cumprimentos,

Inês Branco

Anexo B

Declaração de consentimento informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português): Cyberbullying – Ocorrência em meio universitário e diferenças de género

- Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) -----

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/_____/20__

Assinatura do participante no projeto: _____

O Investigador responsável:

Nome: _____

Assinatura: _____

Anexo C
Questionário sociodemográfico

Questionário sociodemográfico

PARTE I

Por favor preenche os teus dados sociodemográficos. Assinala com uma cruz (X) nos locais indicados e preenche por extenso nos locais necessários.

Sexo: Feminino Masculino

Idade: _____ anos

Distrito onde resides:

- Aveiro Beja Braga Bragança Castelo Branco Coimbra Évora
 Faro Guarda Leiria Lisboa Portalegre Porto Santarém
 Setúbal Viana do Castelo Vila Real Viseu Madeira Açores

Habilitação literária:

- 12.º ano Licenciatura Mestrado Doutoramento

Estudas fora do distrito de residência: Sim Não

Onde resides?

- Residência universitária/quarto sozinho
 Campus universitário (apartamento)
 Apartamento partilhado com colegas
 Apartamento sozinho
 Com familiares

Instituição de Ensino Superior onde te encontras a estudar: _____

Curso: _____

Ano curricular: _____

Encontras-te envolvido em alguma atividade académica?

- Não
 Sim

Se respondeste sim,

- Tuna

- Associação de estudantes
- Núcleo de estudantes
- Equipa de desporto
- Coro
- Outra: _____

PARTE II

Padrões de utilização da internet

1. Com que frequência utilizas a internet?

- Nunca
- Uma vez por semana
- Duas a três vezes por semana
- Quatro a cinco vezes por semana
- Todos os dias

2. Quanto tempo dispensas diariamente, em média, na internet?

- Menos de 1h
- Entre 1h a 3h
- Entre 3h a 5h
- Mais de 5h

3. Qual ou quais as atividades que fazes online?

- Comunicar com amigos e família
- Trocar mensagens instantâneas
- Pesquisas ou trabalhos académicos
- Encontrar informação de interesse pessoal
- Aceder a redes sociais
- Aceder ao correio eletrónico
- Assistir a vídeos ou ouvir música

Participar em jogos online

Download de filmes, séries, músicas, etc.

Outra: _____

Anexo D

Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior
(Veiga Simão & Martins, 2012) – Versão adaptada

Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior

(Veiga Simão & Martins, 2012) – Versão adaptada

Os jovens utilizam diariamente as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e isso traz-lhes grandes vantagens, mas também existem situações em que através do telemóvel ou do computador, por exemplo, alguns colegas maltratam outros repetidamente enviando mensagens (SMS, MMS, fotos, vídeos, etc. com ofensas, calúnias, difamações, perseguições, ameaças ou quaisquer outras mensagens ou imagens desagradáveis ou privadas). Estamos a estudar este fenómeno e por isso a tua colaboração é tão importante. Solicitamos que respondas às perguntas que se seguem recorrendo especialmente às tuas experiências recentes ocorridas no Ensino Superior, bem como às situações que tens na memória, vividas ou observadas ao longo da tua adolescência ou infância, se for o caso. Agradecemos a tua participação sincera e empenhada.

1. Já alguma vez foste vítima de ofensas, calúnias, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, com o envio de mensagens escritas e/ou fotos/vídeos, através de e-mail, num chat, no Messenger, no Hi5, no Facebook, no YouTube, nos blogs, etc.?

- a) Nunca [] b) Algumas vezes [] c) Muitas vezes []

(Se respondeste Nunca, passa à **questão 2**. Se respondeste afirmativamente e te lembras de mais do que uma situação, **escolhe a mais recente** e caracteriza-a, respondendo às perguntas que se seguem).

1.1. Sabes quem foi o autor ou autores desses comportamentos?

- a) Sim [] b) Não []

1.2. Se sim, tratava-se de:

- a) Não sei [] c) Rapariga [] e) Grupo de raparigas []
b) Grupo misto [] d) Rapaz [] f) Grupo de rapazes []

1.3. Colega[s] de escola:

- a) Sim [] b) Não []

1.4. Que tecnologia foi usada?

- a) Computador [] b) Telemóvel []

1.5. Assinala o(s) programa(s) que foi utilizado:

- a) Blogs [] d) Facebook [] g) Myspace [] j) YouTube []
b) Chat [] e) Hi5 [] h) Second Life [] l) Outro []
c) E-mail [] f) Messenger [] i) SMS/MMS [] k) Qual ou quais? _____

1.6. Que ano e nível de escolaridade frequentava quando essa situação aconteceu?

- a) Básico [] b) Secundário [] c) Superior [] Ano: _____

1.7. Descreve o que foi feito ou dito:

- a) Ameaçaram-me Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
b) Assediaram-me com conteúdos Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
de carácter sexual
c) Espalharam boatos sobre a Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
minha vida
d) Fizeram-se passar por mim Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
e) Gozaram-me Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
f) Insultaram-me Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
g) Mostraram que possuíam informação Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
sobre a minha vida que podem afetar o
meu bem-estar psicológico
h) Revelaram dados sobre a minha vida Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
privada
i) Usaram a minha imagem sem Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
autorização
j) Outro. Qual? _____ Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []

2. Já alguma vez ofendeste, difamaste, caluniaste, ameaçaste ou perseguiste alguém, com o envio de mensagens escritas e/ou fotos/vídeos, através de e-mail, num chat, no Messenger, no Hi5, no YouTube, nos blogs, etc.?

- a) Nunca [] b) Algumas vezes [] c) Muitas vezes []

(Se respondeste Nunca, passa à **questão 3**. Se respondeste afirmativamente e te lembras de mais do que uma situação, **escolhe a mais recente** e caracteriza-a, respondendo às perguntas que se seguem).

2.1. Tratava-se:

- a) Não sei [] c) Rapariga [] e) Grupo de raparigas []
b) Grupo misto [] d) Rapaz [] f) Grupo de rapazes []

2.2. Colega(s) de escola:

- a) Sim [] b) Não []

2.3. Que tecnologia foi utilizada?

- a) Computador [] b) Não []

2.4. Assinala o(s) programa(s) que foi usado:

- a) Blogs [] d) Facebook [] g) Myspace [] j) YouTube []
b) Chat [] e) Hi5 [] h) Second Life [] l) Outro []
c) E-mail [] f) Messenger [] i) SMS/MMS [] k) Qual ou quais? _____

2.5. Que ano e nível de escolaridade frequentavas quando essa situação aconteceu?

- a) Básico [] b) Secundário [] c) Superior [] Ano: _____

2.6. O que fizeste ou disseste?

- a) Ameacei Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
b) Assediei com conteúdos de carácter sexual Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
c) Espalhei boatos sobre a vida de outros Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []

- d) Fiz-me passar por outra pessoa Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- e) Gozei Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- f) Insultei Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- g) Mostrei que possuo informação sobre
outra pessoa que pode afetar o seu
bem-estar psicológico Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- h) Revelei dados sobre a vida privada
de outra pessoa Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- i) Usei a imagem de alguém sem
autorização Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- j) Outro. Qual? _____ Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []

2.7. O que achas que a pessoa sentiu?

- | | | |
|--------------------|----------------------|----------------------|
| a) Alegria [] | g) Inferioridade [] | m) Raiva [] |
| b) Ciúme [] | h) Insegurança [] | n) Superioridade [] |
| c) Culpa [] | i) Inveja [] | o) Surpresa [] |
| d) Desprezo [] | j) Medo [] | p) Tristeza [] |
| e) Embaraço [] | k) Orgulho [] | q) Outro [] |
| f) Indiferença [] | l) Preocupação [] | Qual? _____ |

2.8. Que motivos te levaram a fazê-lo?

- a) Para que o grupo me aceitasse []
- b) Por brincadeira []
- c) Por não ser capaz de ser afirmativo com os outros pessoalmente []
- d) Por vingança relativamente a episódios que aconteceram []
- e) Porque quis afirmar-me []
- f) Porque a pessoa encaixa naqueles estereótipos com que é habitual gozar-se []
- g) Porque a pessoa tinha uma personalidade um bocadinho estranha []
- h) Porque não gosto das atitudes da pessoa []
- i) Porque não tem qualquer problema em agir assim []

- j) Porque pertence a um grupo rival []
- k) Porque se me maltratam, também posso maltratar []
- l) Outro. Qual? _____ []

2.9. O que sentiste?

- | | | |
|--------------------|----------------------|----------------------|
| a) Alegria [] | g) Inferioridade [] | m) Raiva [] |
| b) Ciúme [] | h) Insegurança [] | n) Superioridade [] |
| c) Culpa [] | i) Inveja [] | o) Surpresa [] |
| d) Desprezo [] | j) Medo [] | p) Tristeza [] |
| e) Embaraço [] | k) Orgulho [] | q) Outro [] |
| f) Indiferença [] | l) Preocupação [] | Qual? _____ |

3. Conheces alguém que tenha sido vítima de ofensas, calúnias, difamação ou perseguição através de mensagens escritas ou envio de fotos/vídeos, por e-mail, num chat, no Messenger, no Hi5, no Facebook, no YouTube, nos blogs, etc.?

- a) Sim [] b) Não []

(Se respondeste Não, passa à **questão 4**. Se respondeste afirmativamente e te lembras de mais do que uma situação, **escolhe a mais recente** e caracteriza-a, respondendo às perguntas que se seguem).

3.1. Tratava-se de:

- | | | |
|--------------------|-----------------|---------------------------|
| a) Não sei [] | c) Rapariga [] | e) Grupo de raparigas [] |
| b) Grupo misto [] | d) Rapaz [] | f) Grupo de rapazes [] |

3.2. Que tecnologia foi usada?

- a) Computador [] b) Não []

3.3. Assinala o(s) programa(s) que foi usado:

- | | | | |
|---------------|------------------|--------------------|-------------------------|
| a) Blogs [] | d) Facebook [] | g) Myspace [] | j) YouTube [] |
| b) Chat [] | e) Hi5 [] | h) Second Life [] | l) Outro [] |
| c) E-mail [] | f) Messenger [] | i) SMS/MMS [] | k) Qual ou quais? _____ |

3.4. Que ano e nível de escolaridade frequentavas quando essa situação aconteceu?

a) Básico [] b) Secundário [] c) Superior [] Ano: _____

3.5. Descreve a situação que essa pessoa viveu:

- a) Ameaçaram-na Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- b) Assediaram-na com conteúdos de carácter sexual Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- c) Espalharam boatos sobre a sua vida Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- d) Alguém se fez passar por essa pessoa Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- e) Gozaram-na Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- f) Insultaram-na Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- g) Mostraram que possuíam informações sobre ela que podem influenciar o seu bem-estar psicológico Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- h) Revelaram dados sobre a sua vida privada Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- i) Usaram a sua imagem sem autorização Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- j) Outro. Qual? _____ Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []

3.6. O que pensas que essa pessoa sentiu?

- a) Alegria [] g) Inferioridade [] m) Raiva []
- b) Ciúme [] h) Insegurança [] n) Superioridade []
- c) Culpa [] i) Inveja [] o) Surpresa []
- d) Desprezo [] j) Medo [] p) Tristeza []
- e) Embaraço [] k) Orgulho [] q) Outro []
- f) Indiferença [] l) Preocupação [] Qual? _____

3.7. Fizeste alguma coisa para impedir a continuação desta situação?

- a) Sim [] b) Não []

3.8. Se tentaste impedir estas situações, como o fizeste?

a) Tentei perceber a gravidade [] d) Aconselhei a vítima a contar a alguém de confiança []
da situação

b) Apoiei a vítima [] e) Falei com os pais da vítima []

c) Conteí a alguém [] f) Outra forma []

Qual? _____

4. Conheces alguém que tenha ofendido, caluniado, difamado ou perseguido outra pessoa, através de mensagens escritas ou envio de fotos/vídeos, por e-mail, num chat, no Messenger, no Hi5, no Facebook, no YouTube, nos blogs, etc.?

a) Sim [] b) Não []

(Se respondeste Não, passa à **questão 5**. Se respondeste afirmativamente e te lembras de mais do que uma situação, **escolhe a mais recente** e caracteriza-a, respondendo às perguntas que se seguem).

4.1. Trata-se de:

a) Não sei [] c) Rapariga [] e) Grupo de raparigas []

b) Grupo misto [] d) Rapaz [] f) Grupo de rapazes []

4.2. Que tecnologia foi usada?

a) Computador [] b) Não []

4.3. Assinala o(s) programa(s) que foi usado:

a) Blogs [] d) Facebook [] g) Myspace [] j) YouTube []

b) Chat [] e) Hi5 [] h) Second Life [] l) Outro []

c) E-mail [] f) Messenger [] i) SMS/MMS [] k) Qual ou quais? _____

4.4. Que ano e nível de escolaridade frequentavas quando essa situação aconteceu?

a) Básico [] b) Secundário [] c) Superior [] Ano: _____

4.5. Descreve a situação praticada por essa pessoa:

- a) Ameaçaram Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- b) Assediaram com conteúdos de carácter sexual Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- c) Espalharam boatos sobre a vida dos outros Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- d) Fizeram-se passar por outra pessoa Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- e) Gozaram Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- f) Insultaram Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- g) Mostraram que possuíam informação sobre a vida de outros que podiam afetar o seu bem-estar psicológico Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- h) Revelaram dados sobre a vida privada dos outros Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- i) Usaram a imagem de outros sem autorização Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []
- j) Outro. Qual? _____ Nunca [] Algumas vezes [] Muitas vezes []

4.6. O que pensas que essa pessoa sentiu?

- | | | |
|--------------------|----------------------|----------------------|
| a) Alegria [] | g) Inferioridade [] | m) Raiva [] |
| b) Ciúme [] | h) Insegurança [] | n) Superioridade [] |
| c) Culpa [] | i) Inveja [] | o) Surpresa [] |
| d) Desprezo [] | j) Medo [] | p) Tristeza [] |
| e) Embaraço [] | k) Orgulho [] | q) Outro [] |
| f) Indiferença [] | l) Preocupação [] | Qual? _____ |

4.7. Fizeste alguma coisa para impedir a continuação desta situação?

- a) Sim [] b) Não []

4.8. Se tentaste impedir estas situações, como o fizeste?

- a) Contando a alguém de confiança [] c) Dissuadindo o agressor []

b) Denunciando o agressor [] d) Prevenindo a vítima []

e) Outra forma []

Como? _____

5. Quem pode ajudar a resolver este tipo de situações?

a) Amigos [] e) Professores []

b) Colegas [] f) Responsável pela instituição []

c) Pais [] g) Outro(s) []

d) Polícia [] Quem? _____

6. Na tua opinião, o que se pode fazer neste tipo de situações?

a) Alterar as contas (e-mail, etc.) []

b) Bloquear os contactos []

c) Contactar os gestores do site []

d) Ignorar []

e) Participar a autoridades competentes []

f) Pedir ajuda a alguém de confiança []

g) Criar ou recorrer a um grupo de apoio []

h) Outra []

Qual? _____

Muito obrigada pela tua colaboração!

Anexo B

De: Ana Margarida Veiga Simão
Enviado: segunda-feira, 30 de Maio de 2016 22:12
Para: Inês Branco
Assunto: Pedido de autorização para aplicação do QCES

Cara Inês Branco,

Consideramos que o seu interesse pela questão é muito pertinente e se o nosso questionário *Cyberbullying* para estudantes no Ensino Universitário (Veiga Simão & Martins) servir para ajudar a investigar a problemática será com muita satisfação que o disponibilizamos. Autorizamos o seu uso no âmbito do vosso projeto, desde que sejam respeitadas as seguintes condições:

- respeito pelos direitos de autor;
- envio da comunicação dos resultados.

Para referenciar o instrumento deve citar:

- Ferreira, P., Veiga Simão, A.M., Ferreira, A., Souza, S., & Francisco, S. (2016). Student bystander behavior and cultural issues in cyberbullying: When actions speak louder than words. *Computers in Human Behavior*, 60, 301-311. doi: 10.1016/j.chb.2016.02.059.
- Francisco, S. M., Veiga Simão, A. M. V., Ferreira, P. C., & Martins, M. J. (2015). Cyberbullying: the hidden side of college students. *Computers in Human Behavior*, 43, 167-182. doi: [10.1016/j.chb.2014.10.045](https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.045).

Esperamos com interesse que nos comunique os resultados da sua investigação.

Cordiais saudações

Ana Margarida Veiga Simão

Ana Margarida Veiga Simão Faculdade de Psicologia Universidade de Lisboa Alameda da Universidade 1649-013 Lisboa Portugal Tel: [+351\)21 794 36 00](tel:+351217943600) (Geral) Tel: [+351\)21 794 38 47](tel:+351217943847) (Directo) Fax: [+351\)21 793 34 08](tel:+351217933408) E-mail: amsimao@psicologia.ulisboa.pt url: <http://www2.fp.ul.pt/>